



LARA BOTELHO ALVARENGA

**Mulheres idosas na EJA: percepção e relação com a Matemática
em seus diferentes espaços de vivência**

**LAVRAS – MG
2022**

LARA BOTELHO ALVARENGA

**Mulheres idosas na EJA: percepção e relação com a Matemática
em seus diferentes espaços de vivência**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Matemática, para obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Mario Henrique Andrade Claudio
Orientador

**LAVRAS- MG
2022**

LARA BOTELHO ALVARENGA

**Mulheres idosas na EJA: percepção e relação com a Matemática
em seus diferentes espaços de vivência**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Matemática, para obtenção do título de Licenciada.

APROVADA em 19 de abril de 2022.

Profa. Dra. Amanda Castro Oliveira UFLA.

Profa. Dra. Silvia Maria Medeiros Caporale UFLA.

Prof. Dr. Mario Henrique Andrade Claudio
Orientador

**LAVRAS- MG
2022**

AGRADECIMENTOS

Há coisas na vida que não tem explicação. Resumem-se basicamente ao destino. Minha vida mudou drasticamente nos últimos dois anos: Trabalhar em uma área diferente, perda de três tias, separação dos meus pais e estudar remotamente tendo que desenvolver minha pesquisa nesse período.

Nesse exato momento, me deparo com incontáveis sentimentos, uma sensação de querer dizer muito e brevemente, mas por limitações, não conseguir expressar todos eles. Mas espero fortemente conseguir exaltar um pouco que seja da minha gratidão e sentimento por cada uma das pessoas que trilharam esse caminho comigo.

Não poderia deixar de começar meus agradecimentos sem destacar o momento inédito que nos encontramos, devido à pandemia causada pelo COVID-19. O que refletiu em todas as áreas da minha vida, e por esse motivo, me deparei com inúmeras dificuldades para concluir essa etapa da minha vida.

Em consequência disso tudo, agradeço à MAIOR incentivadora dos meus estudos e sonhos: Tia Mafalda, obrigada por ter sido meu escudo e apoio, devido ao COVID-19 a perdi no final de 2020. Gratidão por ter sido tão companheira e ter vivido esse sonho comigo até o último dia. Sinto você em todos os meus passos, você foi fundamental para que esse momento acontecesse. Te amo infinito.

Deus, presença constante em minha vida. Fazendo da derrota uma vitória e das minhas fraquezas uma força que nunca imaginei.

Mário, meu orientador, que aceitou esse desafio. Obrigada, pela confiança, paciência, carinho, sugestões e acompanhamento cuidadoso durante todo o processo. Suas contribuições foram fundamentais para que esta monografia fosse possível.

Zuleika e Claret, meus pais, que desde cedo me ensinaram que o estudo é a melhor herança que podiam me dar. Pessoas simples, mas com grandes sonhos para sua filha.

Guilherme, meu irmão que sempre esteve do meu lado, com seu jeito único de cuidar de mim.

Dalson, meu namorado, que consegue me dar forças e coragem pra me sentir forte, mesmo quando tudo parece desmoronar. Você vive meus sonhos como se fossem seus, obrigada.

Maiara, minha amiga, confidente, que percorreu todo esse sonho de perto comigo, tornando todos os meus dias cansativos e tristes em alegrias.

Aos meus familiares que andaram juntos comigo nessa caminhada, sempre acreditando e colaborando com esse momento.

Cidinha e Cleuza por fazerem desta pesquisa uma realização pessoal. Vocês foram fundamentais para que essa realização se tornasse verdade. Privilégio por ter conhecido vocês.

Aos meus amigos e minhas amigas que fizeram tudo ser mais leve. Em especial, Luiz, Patrícia e Samara.

A UFLA, pelas descobertas e ampliação de conhecimentos.

Aos projetos Residência Pedagógica e PIBID, por me proporcionar o contato direto com a sala de aula. Pondo a teoria na prática e aprendendo a lidar com as diversidades.

Amanda, Silvia e Rosana, sempre presentes nas disciplinas de educação, trouxeram conhecimentos e vivências muito enriquecedoras para minha formação. Com vocês, aprendi a buscar formas para não limitar as oportunidades dos e das estudantes, respeitar a individualidade de cada um e uma sem subestimar. Obrigada por aceitarem fazer parte desse sonho.

Aos professores e professoras, que foram grandes incentivadores e incentivadoras nessa etapa. Antes de entrar na Universidade, imaginei que estudaria apenas conteúdos respectivos à Matemática que pudesse ser aplicada nas escolas. E no decorrer desse ciclo, fui aprendendo que nosso objetivo é quebrar exatamente essa visão de que a Matemática é só regras e complexa.

E para isso, aprendi o mais importante, ser professor e professora deve ser antes de qualquer coisa, uma escolha. Ser professora para mim é muito mais, tem que ser muito mais. Só assim você muda onde você está fazendo parte.

Sem palavras para todos e todas vocês. Grata!

O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção.

Paulo Freire

RESUMO

No decorrer do tempo, a mulher passou por um processo de luta para conseguir firmar seu lugar na sociedade, devido a todas as desigualdades ocorridas no transcorrer da história, como o acesso à educação, e com isso, as salas de aula da EJA estão sendo ocupadas por essas pessoas que em algum momento das suas vidas não enxergaram condições para iniciar ou continuar seus estudos e desejam alcançar seus sonhos, que um dia foram esquecidos ou interrompidos. Portanto, este é o foco do presente trabalho: conhecer a relação que mulheres idosas têm com a Matemática na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem por objetivo identificar, caracterizar e descrever as suas percepções com a Matemática nos seus diversos espaços de vivência. Este trabalho é um estudo de abordagem qualitativa, realizado com duas participantes. Os dados foram constituídos a partir de um questionário socioeconômico e uma entrevista semiestruturada que foram gravadas, transcritas, e submetidas à análise de conteúdo. Buscamos observar a relação dessas mulheres idosas com a Matemática, ou seja, se conseguem perceber outras atividades fora da sala de aula em que a utilizam; e também conhecer as suas trajetórias de vida e o que buscam para o futuro. Nesse contexto, as entrevistadas não tiveram outras escolhas a não ser trabalhar desde novas para ajudar com o sustento em casa, mais tarde, surgem questões atribuídas ao papel da mulher, como mãe, cuidadora dos filhos e das filhas. Outra questão importante que parece determinar a busca das mulheres idosas pela EJA é a conquista por um novo espaço de socialização, emancipação e reconhecimento, bem como o fortalecimento de sua autoestima. Os recortes das transcrições mostram como elas compreendem que a Matemática desempenha um papel importante no dia a dia, e por meio dela, compreendem que é um caminho para a busca de independência.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. EJA. Idosas. Matemática. Mulheres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Breve Contextualização Da Educação De Jovens e Adultos.....	13
2.2 Processo de luta: Uma breve contextualização das mulheres no processo de escolarização no Brasil	16
2.3 Idosas, Educação Matemática e EJA	22
3 PERCURSO METODOLÓGICO	25
3.1 Pesquisa qualitativa.....	25
3.2 Contexto da pesquisa.....	26
3.2.1 Participantes da pesquisa.....	27
3.2.2 Circunstâncias das entrevistas	31
3.2.3 Questionário socioeconômico	33
3.2.4 Entrevista Semiestruturada.....	34
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	37
4.1 Mulheres idosas da EJA: Como elas se veem?.....	37
4.2 Mulheres idosas da EJA: Quais as suas relações com a escola e a Matemática; o que pensam e o buscam?	40
4.3 Mulheres idosas da EJA: O que buscam?	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE I – Questionário Sociocultural (Baseado em Bianco, 2013).....	63
APÊNDICE II- Roteiro de entrevista (Baseado em Bianco, 2013)	65

1 INTRODUÇÃO

No percurso para se tornar professor e professora de Matemática vamos aos poucos percebendo como o processo de ensinar é complexo e ao mesmo tempo instigante, é preciso saber lidar com as diferenças, buscar a todo tempo conhecimento e ser versátil. E quando nos referimos a tal complexidade, estamos querendo ressaltar a heterogeneidade dentro de uma sala de aula.

De acordo com as autoras Paula e Oliveira (2012), situações como, ser homem ou mulher, abranger a religiões diferentes, ou serem de culturas diversificadas, claramente fará com que façamos análises de mundo muito distintas, sendo estes fatores, fundamentadas em percepções recebidas por cada pessoa enquanto agentes de seus grupos sociais. Essa concepção se assemelha muito com a ideia de Cavalcante (2017) que pontua a diversidade no grupo de estudantes da EJA, para ela, existem singularidades, assim como existem regularidades nos estudantes e nas estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a sala de aula é o lugar de encontro de reconhecimentos e de confrontos de culturas.

[...] se temos homens e mulheres negros, brancos pardos ou indígenas, por exemplo, o pertencimento racial será determinante para um leque de situações, que envolvem preconceitos, exclusões e possibilidades. Se tivermos em nossa sala de aula, grupos distintos de católicos, protestantes, umbandistas e ateus, as formas de ser e agir no mundo serão influenciadas pela fé e pelas experiências religiosas de cada um. O mesmo ocorre se esses grupos tiverem origens territoriais distintas [...]. (PAULA; OLIVEIRA, 2012. p. 46).

Dessa forma, no percorrer da graduação, fomos construindo algumas concepções sobre o papel de ensinar e nesse percurso, nos deparamos com algumas situações que despertaram uma vontade de conhecer um pouco mais sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também compreender como estudantes com histórias de vida tão diferentes ocupam o mesmo espaço. Foi assim que aos poucos percebemos que precisamos dar mais ênfase na EJA, e, além disso, explorar os conhecimentos e história das e dos estudantes. Partindo disso, nos identificamos com o processo histórico de luta das mulheres, em especial na educação, para então conseguir ocupar os mesmos espaços que os homens.

Sabemos que só pelo fato de ser mulher dentro de uma sociedade excludente de igualdade, nos remete a uma desvantagem em diversos aspectos, como, não ter a mesmas oportunidades, diferenciação no mercado de trabalho e necessidade de ser do lar imposta pela sociedade de caráter patriarcal.

Nessa perspectiva, decidimos conhecer e compreender as histórias de vida de mulheres estudantes da EJA, por acreditar que exista uma bagagem, trajetórias e vivências que podem fazer com que identifiquemos os motivos que fizeram com que elas retornassem à escola, como se sentem dentro desse contexto, qual a importância da escola e suas relações com a disciplina de Matemática nos diversos espaços sociais.

Durante séculos, a aprendizagem Matemática ficou restrita ao universo masculino. Quando as mulheres foram inseridas no contexto escolar, tinham um currículo diferenciado dos homens. A eles, eram ensinados leitura, escrita e conhecimentos Matemáticos. Para elas, costura e bordado, culinária, leitura e escrita que não envolvessem conhecimentos matemáticos (LOURO, 2006).

E partindo dessa concepção, nos vem à curiosidade para entender e investigar como as mulheres idosas da EJA compreendem os seus saberes Matemáticos e se conseguem identificar em quais circunstâncias eles podem contribuir para sua formação tanto profissional quanto pessoal. Procuramos identificar se essas mulheres conseguem compreender os conhecimentos matemáticos estudados na escola em suas vidas, e isso constitui a principal fundamentação de nossa proposta de investigação.

Diante desse contexto, a presente pesquisa buscou responder a seguinte questão de investigação: “Como mulheres idosas da EJA percebem e lidam com a Matemática em seus cotidianos?”. Estabelecemos os seguintes objetivos:

- Conhecer a história dessas mulheres, o que pretendem, seus objetivos e o que sonham para vida futura.
- Verificar as facilidades/dificuldades para lidar com a Matemática.
- Compreender a relação que a Matemática desempenha/exerce na vida das mulheres, idosas e estudantes da EJA.
- Identificar se a Matemática contribui para trazer autonomia, inclusão e equidade na vida delas.

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma, no capítulo 2, apresentamos uma discussão teórica sobre a Educação de Jovens e Adultos, história das Mulheres no Brasil e contextualização dos idosos e das idosas na Educação; no capítulo 3, mostraremos o percurso metodológico utilizado na pesquisa, que tem abordagem qualitativa. No capítulo 4, traremos à

análise dos dados que nos mostra a história de vida, desafios e relação das mulheres, estudantes da EJA com a Matemática; para finalizar, o capítulo 5 contém as considerações finais sobre a pesquisa realizada. Sendo assim, apresentamos as discussões teóricas que contribuirão para o desenvolvimento da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordaremos um breve resumo da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Posteriormente será discutida a história das mulheres no Brasil, uma vez que, a nossa pesquisa é voltada para essa área, sendo assim, julgamos necessário discutir a desvalorização da mulher no ensino, tanto sobre uma perspectiva social quanto por documentos oficiais, em especial quando nos referimos a inserção delas nas aulas de Matemática. Dando continuidade, caminhamos para o próximo capítulo levantando questões como idade, educação e suas relações com a Educação de Jovens e Adultos.

Desse modo, é fundamental um conhecimento inicial desses tópicos, para compreensão e valorização dos resultados e pesquisas desenvolvidas nesta área.

2.1 Breve Contextualização Da Educação De Jovens e Adultos

Quando pensamos nos contextos históricos sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, deparamos com diversas políticas que não deram certo ou não foram aplicáveis a esse tipo de ensino. Que são embasados muitas vezes, em relatos preconceituosos que se assimila com a incapacidade, vergonha, preconceito e discriminação, a todos e todas que não tiveram oportunidade de frequentar a escola em tempo dito “regular”, conseqüentemente, não aprenderam a ler e escrever.

De acordo com Rezende (2005) a Educação de Adultos ou Educação de Jovens e Adultos é um conceito histórico, que foi se formando e se transformando ao longo de processos de ações muito complexas, em meio a contradições de interesses e ideologias, que resultaram de diferentes opiniões éticas, políticas e pedagógicas.

Por Carvalho e Bastos (2004), a Educação de Jovens e Adultos deve ser destacada como uma modalidade específica da Educação Básica, que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. Desse modo, a concepção da Educação de Jovens e Adultos não pode ser restrita a uma educação compensatória, como durante muito tempo foi pensada. Atualmente, para que se considere a EJA enquanto uma modalidade educativa inscrita no campo do direito faz-se necessário superar essa concepção dita compensatória, cujos principais fundamentos são a de recuperação de um tempo de escolaridade perdido no passado.

Os movimentos educativos com adultos ocorreram com a chegada dos portugueses e foram implementadas de início para os indígenas adultos e, depois, para os escravos com o intuito de catequizar, e passar normas de comportamento e ensinar tarefas necessárias para o funcionamento da economia colonial. (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

De acordo com Miranda, Souza e Pereira (2016) com a chegada da família real e consequentemente expulsão dos Jesuítas em 1759 (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.109), a educação de adultos entra em falência, visto que a responsabilidade pela educação fica por responsabilidade do império (STRELHOW, 2010).

Somente na década de 1930 é que a Educação de Jovens e Adultos começa a tomar forma, sendo um marco na reformulação do papel do Estado no Brasil. Quando em 1934, o governa cria o Plano Nacional de Educação, HADDAD e DI PIERRO, conceitua:

Nos aspectos educacionais, a nova Constituição propôs um Plano Nacional de Educação, fixado, coordenado e fiscalizado pelo governo federal, determinando de maneira clara as esferas de competência da União, dos estados e municípios em matéria educacional: vinculou constitucionalmente uma receita para a manutenção e o desenvolvimento do ensino; reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de entregar e cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.109).

No ano de 1945, depois da 2ª Guerra Mundial, o país começou a viver uma grande pressão política, e com isso, fez com que a sociedade passasse por várias crises. A UNESCO proclamava a todos e todas sobre as desigualdades entre os países e advertia para o papel que a educação precisava desempenhar especialmente na Educação de Adultos, no processo de desenvolvimento das nações categorizadas como “atrasadas” (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Posteriormente em 1947, foi implantado o Serviço de Educação de Adultos (SEA), que buscava uma ação que previa a alfabetização em apenas três meses, e depois, seguir outra etapa com intuito de capacitação profissional e também o desenvolvimento comunitário (COLAVITTO; ARRUDA, 2014). E tal campanha, que nasceu nesta data, se estendeu até o final da década de 1950, chamando-se de Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos-CEAA. “Sua influência foi significativa, principalmente por criar uma infraestrutura nos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos, posteriormente preservada pelas administrações locais” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111). Em 1952 surge a

Campanha Nacional de Educação Rural e outra no ano de 1958 a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

É dentro dessa perspectiva que devemos considerar os vários acontecimentos, campanhas e programas no campo da educação de adultos, no período que vai de 1959 até 1964. Foram eles, entre outros: o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular do Recife; e, finalmente, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que contou com a presença do professor Paulo Freire. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.113).

Em 1967 foi constituído o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), inicialmente o objetivo era atender analfabetos e analfabetas de 15 a 30 anos, com o termo “alfabetização funcional”, ou seja, tinham como intuito ensinar a ler e escrever (COLAVITTO; ARRUDA, 2014).

De acordo com Bello (1993):

O projeto MOBREAL permite compreender bem essa fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu sobre seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos programas. (BELLO, 1993, p.38)

No ano de 1970 o Mobral cresceu, mas em 1985 teve seu rompimento, dando lugar a Fundação Educar que foi criada pelo Decreto n. 92.374, de 06/02/86, designado como “Nova República”, com o objetivo de propiciar condições de acesso, de alfabetização e de sucesso escolar. Posteriormente, resulta na promulgação da Constituição Federal de 1988 que amplia o seu dever com a Educação de Jovens e Adultos. Para Haddad e Di Pierro: “instrumentos jurídicos nos quais materializou-se o reconhecimento social dos direitos das pessoas jovens e adultas à educação fundamental, com a conseqüente responsabilização do Estado por sua oferta pública, gratuita e universal” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p.119).

De acordo com Colavitto e Arruda (2014) é na década de 90 que a Educação de Jovens e Adultos desenvolve uma nova política, elaboração de métodos para desenvolver a criatividade, com a finalidade de inserir essas pessoas na educação, e assim, permitir inclusão, independência e emancipação desses estudantes e dessas estudantes.

Desse modo, a EJA é um campo onde a ação pedagógica deve ultrapassar o espaço escolar, com vastas possibilidades da cultura dos e das estudantes. Para nós é nessa perspectiva que situamos a Educação Matemática das mulheres estudantes da EJA. O currículo escolar poderia ser proposto considerando as vivências dessas mulheres, de suas atividades práticas, dificuldades e vontades, indo além do ambiente escolar. Diante disso, concordamos com as palavras de Feitosa (2007, p. 57), quanto a sua definição de escola e escolarização “compreendo a escola como uma instituição social vivificada a partir do investimento dos desejos dos sujeitos que nela transitam, e o processo de escolarização, uma ação que só se realiza a partir da ação desses sujeitos que lhe dão vida”.

No livro da Fonseca: Educação Matemática de Jovens e Adultos é colocado:

Assim, ainda que a designação “Educação de Jovens e Adultos” nos remeta a uma caracterização da modalidade pela idade dos alunos a que atende, o grande traço definidor da EJA é a caracterização sociocultural de seu público, no seio da que se deve entender esse corte etário que se apresenta na expressão que a nomeia (FONSECA, 2016, p.15).

Dessa forma, alerta para a especificidade e a identidade cultural dos sujeitos estudantes da EJA, ainda que composto por indivíduos com histórias de vida bastante diferenciadas, mas todas elas marcadas pela exclusão.

2.2 Processo de luta: Uma breve contextualização das mulheres no processo de escolarização no Brasil

As desigualdades de gênero sempre fizeram parte do cotidiano brasileiro. Nos primeiros séculos da colonização – especialmente no período predominantemente agrário e rural - as mulheres não tinham acesso à escola, ao mercado de trabalho formal, sofriam com a mortalidade infantil e materna e não possuíam uma série de direitos civis e políticos. (ALVES, 2009, p.1)

Segundo Coutinho (1994) além da mulher ter tido um processo de escolarização tardia em relação aos homens, recebeu uma educação de má qualidade. Sendo assim, propomos uma breve discussão acerca da inserção da mulher no espaço escolar e a sua relação com a Matemática.

Pensando nesse contexto, existem diversos fatores sociais que baniam e controlavam a vida da mulher, ou seja, elas eram obrigadas a adequar-se às normas e valores patriarcais da sociedade na época. Para Del Priore (1995, p. 23) “[...] os diálogos entre visões de mundo, diferentes costumes, hábitos e crenças marcados pela alteridade fecundaram a condição feminina que então se organizava na Terra de Santa Cruz”. Concordando com essa discussão, Louro (2006) se pronuncia da seguinte forma:

Sob diferentes concepções, um discurso ganhava hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que “as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”. Ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter, sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução (LOURO, 2006, p. 446)

Segundo a autora, notamos que as mulheres deveriam ser mais educadas do que escolarizadas, para que permanecessem distantes do campo de atuação social, confinadas em ambientes dominados pelos homens, onde o papel doméstico era seu, dificultando as possibilidades de romper com as desigualdades de gênero ao longo dos anos.

Para Louro (1997: 447), o direito de escolarização das mulheres acontece na primeira Lei de instrução pública em 1827 associada a uma função de educar os filhos e as filhas. “... São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas”. Dessa maneira, podemos compreender que a inquietação da legislação era de formar elas para o lar, e não, propor autonomia.

Para Ritt (2012) a lei de 1827 considerava meninas apenas na escola elementar, não nas instituições de ensino superior. Em que permanecia na costura, não na leitura e escrita. Nessa perspectiva, Ritt coloca: “Muitas mulheres, por volta de 1870, viam na educação superior uma maneira de as mulheres assumirem ocupações de maior prestígio”. (RITT, 2012, p. 42)

Ainda para Ritt (2012) mais tarde, na Reforma Educacional de 1879 que abriu as escolas de medicina para as mulheres, e também para outros cursos superiores, aceitando de certa forma que adquirissem as profissões que antes eram designadas somente para os homens.

Mesmo assim, poucas mulheres conseguiram realizar este sonho. Além de terem de enfrentar toda a pressão e desaprovação social, as mulheres tinham de seguir a indispensável e caríssima educação secundária, que era o que as capacitaria para seguir em seus estudos. Ocorre que a educação secundária no Brasil servia essencialmente para preparar um número restrito de homens para a educação superior. Difícil de obter para quem não fosse membro da elite, permaneceu praticamente inacessível para as mulheres, mesmo as filhas de pais abastados e influentes (RITT, 2012, p.43).

De acordo com Palácios, Reis, Gonçalves (2017), a educação feminina sempre foi somada à antiga ideia de educação doméstica. A escolaridade destinada às meninas não era a mesma destinada aos meninos. Tal fato está retratado em um antigo provérbio português, aplicado às moças de classe alta brasileira, que dizia que “uma mulher é suficientemente educada quando pode ler com propriedade seu livro de orações e sabe como escrever a receita de geleia de goiaba; mais do que isso põe o lar em perigo” (RITT, 2012, p. 44).

Em seu artigo de Souza e Fonseca (2013) pontuam:

Com efeito, mesmo tendo ousado sair dos “recônditos femininos” (MALUF; MOTT, 1998), redesenhando lugares sociais, as mulheres continuam a ser produzidas, em prosa e verso, como “rainhas do lar” ou como “abelhas na colmeia”, e “elogiadas” como “amélias”, em um discurso que não se cansa de reatualizar-se no estabelecimento delas como responsáveis pelo cuidado com a prole e com a casa, ainda tomada como território feminino.” (SOUZA; FONSECA, 2013, p.4)

Pensando nessa perspectiva, o espaço doméstico não é somente uma limitação, mas se configura como um território com marcas históricas, econômicas, políticas, culturais, afetivas, geracionais, de gênero, classe, etnia etc. É a compreensão dessa configuração que mobiliza a olhar as relações de gênero e a Matemática que se estabelecem nesse espaço, e que são estabelecidas, considerando as heterogeneidades e os tensionamentos que conformam essas relações (SOUZA; FONSECA, 2013).

Só na última metade do século XIX que se percebem algumas modificações de melhoria em relação à escolaridade, o que foi um viés, pelo fato, de poucas pessoas terem acesso à escola. A educação era privilégio de pessoas que possuíam boa posição social e econômica (RITT, 2012).

Contudo, por meio de muitos esforços, só nos últimos anos do século XIX é que as mulheres conquistaram o direito “a estudar Matemática regularmente em algumas universidades e a obter os primeiros graus de doutoras em Matemática” (FILHO, 2004, p. 188). Para estudar, as mulheres tiveram que romper os preconceitos impostos tanto pela igreja, família, quanto pela sociedade.

Até início do século XX apenas as mulheres de famílias abastadas tinham condições de frequentar o espaço escolar, “geralmente escola religiosa, que tinha como função formar as moças de boa família para o exercício da maternidade e gerência do lar” (FEITOSA, sem ano, p.1)

A Constituição de 1934 garantia a gratuidade e obrigatoriedade no ensino primário público. Mas, tristemente adotava uma concepção de que meninos e meninas tivessem as grades curriculares diferentes e que o ensino religioso fizesse parte da educação. Mas mesmo com tal obrigatoriedade, muitas pessoas permaneceram excluídas da escola, por situações diversas: econômicas, sociais, familiares, geográficas e/ou culturais. Embora muitas mulheres tivessem consciência de que “a educação pode contribuir para mudar trajetórias, vidas, sendo uma possibilidade de mobilidade social” (SANTOS, 2011, p. 18-19), as condições de vida delas era o elemento primordial para que se mantivessem fora ou dentro da escola.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 estabelece o direito à educação para todas as pessoas, lutando contra qualquer discriminação, seja por raça, cor, gênero, idioma ou outra razão. Sendo assim, o acesso ao ensino gratuito e de qualidade é um direito para todos e todas. (SINGH, 2011)

Posteriormente, mais tarde, temos a Constituição Federal de 1988 que estabelece, em seu Art. 5º, inciso I, que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988, p. 1). E, mesmo com as ascensões que buscam equidade entre homens e mulheres, apresentadas por essa Constituição, a ideologia patriarcal ainda subsiste a todas essas conquistas (RITT, 2012).

Mesmo com a Carta Magna, que exige uma revisão de todas as normas e práticas discriminatórias ao acesso das mulheres em todos os seus direitos, o artigo 2º da Convenção é particularmente incisivo nesta linha de exigência. A sociedade ainda ficou resistente em mudar seus conceitos, “a fim de mudar essa realidade, muitas mulheres buscaram na educação, uma forma de se reafirmarem, bem como garantir seu espaço” (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017, p. 109-110).

[...] a importância da educação para consolidação do exercício de direitos e para construção da autonomia individual e coletiva, é um meio fundamental para o desmonte das desigualdades sociais de gênero, entre outras (BRASIL, 2013, p. 22).

Percebemos que as mulheres que vêm das gerações mais novas, foram ocupando as salas de aula, não buscando em si, apenas ingressar no mercado de trabalho formal, mas também ocupar outros espaços e assumir outro papel além de mulher do lar, como ajudar nas despesas em casa.

(...) estimuladas pela revolução de costumes ocorrida no final da década de 60 início dos anos 70, quando se difunde outra concepção do papel da mulher e a necessidade delas ocuparem outros espaços sociais fora do recôndito do lar e da esfera familiar. No Brasil, agregada à mudança de costumes, a expansão do capitalismo, o aumento dos postos de serviço provocado pelo processo de industrialização, a urbanização que transfere grande contingente populacional do campo para a cidade, levaram as mulheres de um segmento social a assumirem trabalho também fora de casa para contribuírem economicamente no provimento da sobrevivência da família. (FEITOSA, p.1-2)

Nesse sentido, algumas das alterações que ocorreram na sociedade, como o crescimento da urbanização e uma necessidade financeira, foram elementos importantes para que as mulheres procurassem liberdade, equidade, direito de trabalhar fora e também à escolarização. Em que, a partir daí, “a mulher começa a se firmar na sociedade possuindo voz e vez, ainda que enfrente preconceitos e indiferenças” (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017, p.106).

Coelho (2002) ressalta que a inserção da mulher no mercado de trabalho e a luta pelos mesmos direitos dos homens ocorreram pelas mudanças e conquistas, devido ao trabalho e a modernização do mundo, e também, pela revolução industrial, que exigiu mais demanda por mão de obra, introduzindo as mulheres nas indústrias. Que fizeram com que as mulheres começassem a tomar iniciativa dos assuntos familiares. Pelos dados do IBGE, observamos:

Em 2000, o Brasil tinha 86,3 milhões de mulheres que, representavam boa parte da força de trabalho no país; acumulavam tarefas e passaram a chefiar um maior número de domicílios. O aumento da chefia entre as mulheres refletiu diretamente no rendimento familiar, cuja contribuição feminina cresceu quase 56% no último Censo. Na comparação com os homens, as

mulheres chefiavam domicílios com melhores condições de saneamento básico; eram mais escolarizadas; viviam mais e representavam a maior parcela entre a população idosa no país. (IBGE, 2010, p. 1)

Dessa forma, a história da mulher com o trabalho é fundamental para compreendermos as necessidades de escolarização que foram surgindo nas relações intrínsecas ao trabalho. Nesse sentido, a relação da mulher com a educação é marcada historicamente pela busca de direitos iguais.

Com os avanços que ocorreram na educação, culminou em políticas públicas específicas para as mulheres, com o objetivo de tornar a educação mais igualitária entre homens e mulheres. Foram construídos para monitorar ações governamentais e para identificar as desigualdades de gênero, configurando-se assim o Plano Nacional de Políticas Públicas Para Mulheres (PNPM) a partir de 2004 (BRASIL, 2013).

A aprendizagem Matemática foi retirada do cotidiano das mulheres, pois na época elas eram tidas como incapazes e sensíveis apenas às questões celestiais e domésticas. Tanto as mulheres escravizadas como as nobres, utilizavam um conhecimento Matemático tácito, mental, aprendido no cotidiano de maneira informal. (BIANO, 2013)

Pelas contribuições de Fonseca (2002), Duarte (2009), Souza e Fonseca (2009,2010), Gomes (2007, 2012) e por minhas pesquisas no banco de tese e dissertações da CAPES a percepção é que dentre os estudos realizados na EJA, no campo da Educação Matemática, são poucos os realizados sobre a mulher e o ensino de Matemática. De acordo com Souza (2008, p. 12) “essa questão parece tão atual quanto lacunar no campo da EJA; no campo dos estudos de gênero e no campo da Educação Matemática”.

Souza e Fonseca (2010) também trazem questões sobre a Educação de jovens e adultos, Gênero e Educação Matemática das mulheres, mostram como as relações de gênero foram evidentes muitas vezes e nas várias formas dessas mulheres em lidar com a Matemática, destacando que as práticas Matemáticas sempre se diversificaram e ainda existe essa divisão entre homens e mulheres, e como essas práticas e diferenças são vistas, faladas e também tratadas no contexto da sala de aula.

Portanto, após tantas discussões sobre a mulher e a educação, percebe-se como o processo histórico de luta das mulheres foi lento e expressivo. Tais determinações de gênero que foram concebidas pela sociedade no decorrer da história interferem diretamente na vida da mulher e, ainda assim não conquistamos um espaço de representatividade no que diz respeito aos lugares de ocupações, escolhas, mercados de trabalho e efetivação de direitos. Temos ainda

um caminho longo para trilhar, e acreditamos que a EJA, seja um desses passos que podem ser percorridos pelas mulheres, e, que ajudará no processo de emancipação.

2.3 Idosas, Educação Matemática e EJA

Segundo o último censo realizado pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, o Brasil continua apresentando um percentual generoso de analfabetismo. Apesar de constatar uma queda nos índices de analfabetismo, os dados nos mostram que:

A taxa de analfabetismo na população de 15 anos ou mais de idade caiu de 13,63% em 2000 para 9,6% em 2010. Em 2000, o Brasil tinha 16.294.889 analfabetos nessa faixa etária, ao passo que os dados do Censo 2010 apontam 13.933.173 pessoas que não sabiam ler ou escrever, sendo que 39,2% desse contingente eram de idosos. Entretanto, a maior proporção de analfabetos estava nos municípios com até 50 mil habitantes na região Nordeste: cerca de 28% da população de 15 anos ou mais. Nessas cidades, a proporção de idosos que não sabiam ler e escrever girava em torno de 60%. (IBGE, 2010, p.1)

Segundo Marina Águas, pesquisadora do IBGE (2017) existe uma questão estrutural do analfabetismo, que está mais presente na população idosa. “Vamos diminuir o analfabetismo à medida que essa população mais velha for morrendo, porque atualmente há mais crianças na escola. Basta olhar os percentuais por faixa etária para comparar isso”. (ÁGUAS, 2017, p.1)

Em relação à escolaridade no Brasil e à quantidade de analfabetos idosos e analfabetas idosas o número é expressivo:

A taxa de analfabetismo no País tem se mostrado maior nos grupos de idade mais elevados, comportamento observado em todas as Grandes Regiões. Entre aqueles que tinham de 15 a 19 anos de idade, essa taxa foi de 1,2%, contra 1,6% dentre aqueles de 20 a 24 anos de idade. 2,8% no grupo de 25 a 29 anos, 5,1%, de 30 a 39 anos, foram alcançados 9,8% para as pessoas de 40 a 59 anos e foi de 24,4% dentre aqueles de 60 anos ou mais, de idade. (BEZERRA, 2014 p. 9)

Percebe-se que o número de idosos e idosas, tem aumentado continuamente em nossa sociedade, estimando-se um crescimento de 58,4 milhões, o que representa 26,7% do total até

o ano de 2060 segundo dados do IBGE, com base no Censo de 2010. Dessa maneira, cresce também a quantidade de idosos e idosas que buscam as escolas públicas, em regime presencial, para se alfabetizarem ou completarem seus estudos. (SILVA, 2015, p.3)

Por essas questões, buscamos limitar a nossa pesquisa para participantes que compreendem a faixa etária igual ou superior a 60 anos e que seja mulher, pois entendemos que merece um destaque, visto que, a inclusão dessas pessoas dentro de uma sala de aula da EJA, é uma experiência riquíssima. Uma vez que, possuem suas particularidades, tiveram que romper com os obstáculos do preconceito na busca pelo conhecimento, enfrentando diversas limitações, entre elas, motor e cognitivo.

De acordo com Barreto, Álvares, Costa (2005), a visão e perspectivas do mundo para uma mulher que retorna aos estudos depois de adulta ou até mesmo aquela que inicia sua história escolar nessa idade, são muito peculiares.

Protagonistas de histórias reais e ricas em experiências vividas, as alunas da Educação de Jovens e Adultos configuram tipos humanos diversos. São mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos. A cada realidade corresponde um tipo de aluna e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridas. (Bastos, 2009, p.4)

Cada estudante traz conhecimentos socioculturais equivalentes a diversas realidades etárias com o objetivo de melhorar, transformar e atravessar circunstâncias da realidade. Para Silva (2010) às pessoas jovens e adultas, incluindo os idosos e as idosas, são pessoas que têm lugares sociais reparadores em termos de raça, gênero, idade, profissional e orientação sexual. Especialmente, os idosos e as idosas, em que, muitas vezes, são vistos como pessoas incapazes, esquecidos e esquecidas pela sociedade (BEAUVOIR, 2001). Dessa maneira, a educação vem como uma oportunidade de incluir e possibilitar a inserção dessas pessoas idosas na sociedade.

Para Santos, Costa, Silva, Mangueira e Santiago (2016) a educação possui uma enorme responsabilidade nesse processo, em especial, na disciplina de Matemática na EJA, pela sua relevância na educação. Em que, muitos e muitas consideram uma disciplina difícil, mas conseguem reconhecer a importância dela no meio social, na vida. Portanto, uma forma de designar essa relação seria através de problematizar a Matemática na vida cotidiana (FREIRE, 2005). Uma percepção muito próxima às colocações de D'Ambrosio (2012) ao levantar que o

objetivo do diálogo é criar um ambiente menos inibidor para os ouvintes da vida cotidiana que possui muitos saberes Matemáticos. Este diálogo com a realidade é um indicativo metodológico essencial na aprendizagem da Matemática ou para outro conteúdo (FREIRE, 2005).

Nesse sentido, a Matemática não é apenas transmissão de conteúdos, mas sim, conceitos que são utilizados na cidadania e desenvolvimento dos estudantes e das estudantes. “preocupa-se com a maneira como a matemática em geral influencia nosso ambiente cultural, tecnológico e político e com as finalidades para as quais a competência matemática deve servir”. (ALRO; SKOVMOSE, 2010, p.18)

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, buscamos abordar as estratégias para compreender a relação das mulheres idosas da EJA com o saber matemático.

Iniciaremos explorando a abordagem qualitativa, que tecemos como ideal para esta pesquisa, pois “lida e dá atenção às pessoas e às suas ideias, procura fazer sentido de discursos e narrativas que estariam silenciosas” (BORBA; ARAÚJO, 2010, p. 19). Já que nosso objetivo é nos aproximarmos das entrevistadas para identificar suas relações de vida, sem intenção de quantificar algo. Posteriormente trataremos do contexto da pesquisa que contempla seções que apresenta as participantes, circunstâncias das entrevistas, e o método de coleta dos dados, a saber: questionário socioeconômico e a entrevista semiestruturada.

Apresentamos nosso desenvolvimento do trabalho.

3.1 Pesquisa qualitativa

Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento de fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. (GODOY, 1995, p.63)

Optamos por desenvolver a pesquisa com a abordagem qualitativa. Esse tipo de metodologia levanta análises e interpretações de situações profundas que não podem ser quantificadas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo.

Esta abordagem de pesquisa não tem intenção de generalizar, mas sim, de aprofundar nos porquês. Possibilita uma maior proximidade do pesquisador e da pesquisadora com os entrevistados e as entrevistadas, levantando opiniões e podendo fazer interpretações, “os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12)

Araújo e Borba (2004) enfatizam que a pesquisa qualitativa deve ter por trás uma visão de conhecimento que esteja em sintonia com procedimentos como entrevistas, análises de vídeos, etc. e interpretações.

Por Triviños (1987) temos que:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Desse modo, a abordagem qualitativa, não é uma ideia totalmente restrita, permite outros caminhos, imaginações, explorando novos enfoques. Considerando essa perspectiva, pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes. (GODOY, 1995)

Para Minayo (1993) essa abordagem de pesquisa responde a questões muito peculiares, permitindo aproximar a relação da escolarização das mulheres na EJA com os valores. Desse modo, a escolha do questionário e entrevista, que são instrumentos usuais neste tipo de pesquisa, se trata de uma abordagem que permite que a entrevistada fale livremente sobre o assunto, em que, outra forma de coleta de dados não seria adequada para a complexidade do tema a ser levantado.

Em que partimos dos objetivos de compreender a relação das mulheres idosas da EJA com o saber matemático, o que buscam, seus planos futuros, se recebem suporte para aquisição dessa realização.

3.2 Contexto da pesquisa

Nesse tópico, traremos os objetos de estudo, que contou com um questionário socioeconômico e uma entrevista semiestruturada.

O objetivo foi estruturar a pesquisa de forma com que obtivéssemos informações, que contemplassem tanto a vida pessoal para conhecê-las melhor, até a importância de pensar no ensino da Matemática a partir das ações cotidianas do sujeito.

Baseamo-nos na dissertação de Bianco (2013) uma vez que este trabalho se assemelha muito com os nossos objetivos de estudo. Desse modo, nos apoiamos nos eixos temáticos deste trabalho, que são: Identificar quem são essas mulheres; o que buscam; percebem e lidam com a Matemática. E nessa perspectiva, o nosso questionário e a entrevista semiestruturada foram baseados nesta pesquisa. Desse modo, fizemos a partir dela algumas modificações trazendo para nossa realidade, conforme identificamos no decorrer da entrevista.

Essa seção apresentamos as participantes da pesquisa, circunstâncias das entrevistas, e posteriormente conta com uma discussão das pautas do questionário e em seguida da entrevista semiestruturada.

3.2.1 Participantes da pesquisa

As participantes desta pesquisa são duas mulheres idosas estudantes da EJA que estão no Ensino Médio e Fundamental, do turno noturno em uma escola pública, localizada na cidade de Lavras/MG, com idades de 66 e 74 anos. O objetivo desta pesquisa não é conhecer as condições físicas ou modalidades de ensino que estão, mas sim, conhecer a trajetória de vida e a relação delas com a Matemática.

Segundo a Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº8. 842, de 4 de janeiro de 1994; o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, é definido como pessoas com 60 anos ou mais. Por este motivo, o objetivo da nossa pesquisa foi trazer estudantes mulheres da EJA que atendem esse requisito de terceira idade.

Acreditamos desde o início no desafio de encontrar participantes que atendessem o nosso objetivo de estudo, que é ser mulher, ter acima ou igual há 60 anos e estar matriculada na EJA. Visto, que as duas participantes desta pesquisa, o contato foi direto. Mas, como nosso intuito desde o início foi realizar com três participantes, entramos em contato com a escola, para acharmos a terceira entrevistada, mas, devido a pandemia, a defasagem de matrículas foi enorme. E nos informaram que as matriculadas são apenas as duas que já tínhamos realizado a pesquisa.

Discutido isso, apresentamos a análise do questionário, em que vamos conhecer um pouco da história de vida de cada uma delas.

A primeira entrevistada foi Cleuza, que optou por referirmos a ela com seu nome verdadeiro, 66 anos, casada, aposentada, define sua cor como amarela, com cinco filhos e filhas, nascida no dia 08 de fevereiro de 1956 em Nepomuceno/MG. Estuda no 3º e 4º ano do Ensino

Fundamental I, está caminhando para saber ler e escrever, já que nunca teve a oportunidade de estudar quando era mais nova.

Vim de uma família muito pobre e comecei a trabalhar em casa de família aos 07 anos e casei aos 17, fui cuidar dos meus filhos, depois que aposentei que comecei a estudar. (CLEUZA, entrevista, 2022)

Cleuza mora com o esposo, um filho, uma filha, um genro, uma nora e cinco netos e netas. Possui hipertensão e recentemente fez uma cirurgia bariátrica por problemas de saúde, também tem dificuldades para enxergar bem. De acordo com Cleuza, sua disciplina preferida é Matemática.

Matemática, português eu sou péssima, Matemática eu sou melhor de cabeça, me entra mais. Inclusive meu neto se formou agora em Matemática, e acho que ele até me puxou. (CLEUZA, entrevista, 2022)

Percebemos que Cleuza tem uma enorme vontade de aprender, disposição. De acordo com ela, gosta de todas as disciplinas, percebe a importância em cada uma delas.

Gosto de todas, eu sou ruim em português, mas todas que vem pra mim eu procuro fazer todas com carinho, dedicação, procurar ler duas, três vezes, faço acho que não tá bom apago e faço de nova, gosto de escrever bonitinho. (risos) (CLEUZA, entrevista, 2022)

Cleuza nunca estudou quando era mais nova, pois com as dificuldades financeiras em casa, teve que trabalhar desde nova para ajudar os pais e também para cuidar dos irmãos e das irmãs. Quando pergunto se os pais nunca incentivaram os estudos, Cleuza recorda: “Não, só a trabalhar, ser educada com as pessoas, devo muito obrigação por isso, mas estudar nunca”. (Entrevista, 2022)

Segundo Oliveira (1998) coloca que na Educação de Jovens e Adultos existia (e ainda existe) a tendência da tentativa de homogeneização desse grupo de estudantes. Esses jovens,

adultos e adultas, idosos e idosas, eram categorizados unicamente por suas experiências escolares truncadas e pelo único objetivo de “aprender a ler e escrever”. Conforme uma das falas de Cleuza:

Depois que criei os meus filhos e aposentei que me veio à cabeça estudar, pra não morrer sem saber nada, mal sabia assinar meu nome. (Pausa) Agora eu leio placa de carro e ônibus pego sozinha. (CLEUZA, entrevista, 2022)

Em 2020 entramos em uma pandemia causada pelo COVID-19¹ que assolou todo o mundo. Tivemos que readaptar e redescobrir maneiras para conviver com uma nova realidade. Nessa perspectiva, escolas, professores e professoras se enquadraram em uma nova modalidade de ensino.

Salientamos este acontecimento, para analisar a entrevistada Cleuza, uma mulher idosa, com suas dificuldades de acesso à internet e tecnologias, para se adaptar a esta perspectiva. Consequentemente, teve que interromper seus estudos, uma vez que, o difícil acesso e obstáculos que foram surgindo a impediram de dar continuidade. Ela menciona, sobre a preferência pelo ensino presencial, visto que, consegue aprender com mais facilidade.

Em uma de nossas conversas, Cleuza menciona que seu objetivo é estudar um pouco mais, e depois não dar continuidade. O motivo é claro: Aprender até o ponto que almeja para si mesma, para Gonçalves (2014) “Alguns param de estudar, pois atingem seus objetivos, como o ato de assinar seu próprio nome ou aprender a ler e escrever.” (p.14). Dando continuidade na entrevista, me deparo, com um relato marcante:

Pesquisadora: Cleuza, conte-me o que a motivou estudar?

Cleuza: Vontade de ler uma bíblia, pegar uma bíblia e ler, é meu sonho. Até sem saber, minha professora no primeiro dia de aula me deu uma bíblia, ainda não li, pois as letras são “miudinhas”, mas ela está guardada com carinho, e assim que eu terminar vai ser o primeiro livro que eu vou ler.

¹ A COVID-19 é a doença provocada pelo novo coronavírus. A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto como uma pandemia, que é uma epidemia que ganha escala global, que acontece no final de 2019.

Este relato revela a realidade da EJA: os estudantes e as estudantes procuram a escola para satisfazer suas necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não dominam a leitura e a escrita. (COSTA; ÁLVARES; BARRETO, 2006)

Quando perguntamos sobre as mudanças em sua vida depois que voltou a estudar, ela ressalta que sua cabeça ficou mais arejada e feliz. Em uma de suas falas, notamos: *“Adoro pegar minha mochila e ir para a escola”*. (Entrevista, 2022)

A outra entrevistada é Maria Aparecida, mais conhecida como Cidinha que é como iremos nos referir a ela durante o transcorrer da pesquisa, que preferiu que usássemos o seu nome verdadeiro, nascida no dia 03 de setembro de 1948 em Ribeirão Vermelho/MG, com 74 anos, solteira, aposentada, se declara negra, não tem filhos e filhas, mora na casa da irmã mais velha. Não tem nenhum problema de saúde e nem necessidades especiais.

De acordo com seu relato, percebemos a sua felicidade na vida, mas que possui marcas de discriminações: *“Sou muito feliz, mas a gente é muito julgada, pode me jogar na guerra, mas eu morro feliz”*. (Entrevista, 2022)

No percurso desse momento, percebemos vários fatores que podem desencorajar e desestimular os sonhos da entrevistada. Visto que, conforme umas de suas falas, as pessoas de seu convívio, como a própria irmã e familiares, acham o estudo uma bobagem, perda de tempo. Seus relatos demonstram as desigualdades econômicas e raciais dentro de uma sociedade que marginaliza aquilo que se compreende como pequeno, excluindo pessoas que são vistas como minoria seja na escola, no trabalho ou em diferentes lugares de convivência social, na maioria das vezes só pelo fato de ser mulher. (ALVES, 2019, p.27-28)

O processo de escuta é um momento que transcende a sensibilidade, em ambos os lados, pois, naquele caminho, histórias, diferentes sentimentos estão sendo resgatados e dentre tais memórias algumas nem tão agradáveis.

Por mais que Cidinha coloque relatos que tenha a feito desacreditar algumas vezes, pessoas próximas, como escola, amigos e amigas, fizeram com que ela continuasse esse sonho. Percebe-se uma autoestima elevada, em suas falas Cidinha relata: *“Sou muito inteligente, tudo que você me ensina eu aprendo”*. (Entrevista, 2022)

Está no 2º e 3º ano do ensino médio, a disciplina que mais gosta de estudar é História, Cidinha relata: *“Porque conta a história do Brasil”* (Entrevista, 2022). E a que menos gosta de estudar é Inglês.

Estudou na época de 1960 e saiu em 1963, o motivo pelo qual interrompeu os estudos foi por não se identificar com a professora. Em uma de suas falas relembra esse acontecimento:

“A professora tem que ser mansa pra ensinar, eu peguei uma professora que não ensinava, tinha preferência por gente rica”. (Entrevista, 2022)

Conforme Cidinha relata, antigamente era comum a escola ser lugar de pessoas privilegiadas, em que a escola era frequentada por uma minoria “bem-nascida” e socialmente privilegiada. (RITT, 2012)

Cidinha retorna os estudos no ano de 2016. Um dos motivos que a incentivou foi aprender mais, saber mexer com as suas coisas e buscar independência. Pontua que muita coisa mudou em sua vida depois que voltou a estudar: *“Eu aprendi muita coisa, entrar em loja, supermercado, mexer com dinheiro, ver prejuízo em banco, ninguém me passa a perna”.* (Entrevista, 2022)

Com essa fala, identificamos como a escola, propriamente, o saber Matemático, possibilitou autonomia e empoderamento para sua vida.

O empoderamento está no conhecimento e na autonomia socioeconômica que as mulheres podem alcançar e desenvolver, pois, assim, conseguem o poder de escolha, decisão e influência, tendo o poder para escolher consciente e racionalmente seus companheiros ou companheiras, representantes políticos, opção de ter filhos ou não, profissões e carreiras. (ALVES, 2019, p. 26)

3.2.2 Circunstâncias das entrevistas

O momento da realização das entrevistas foi pensado cuidadosamente para não gerar desconforto ou gerar algum sentimento de incapacidade. Por este motivo, antes de iniciarmos a pesquisa conversamos que a qualquer momento a entrevista podia ser interrompida, também solicitamos autorização para realizar a gravação de áudio, explicando assim, que seria apenas usada para transcrição em texto posteriormente.

A pesquisa foi realizada na casa delas conforme mencionamos anteriormente, com o objetivo de conhecer onde vivem, com quem residem e também uma alternativa para se sentirem mais à vontade.

Minha aproximação com Cidinha aconteceu aos poucos, morava perto de casa, em uma Sociedade de São Vicente de Paulo – SSVV – Conselho Central de Lavras- Vila Vicentina, que se estabelecem apenas mulheres idosas. A maioria das noites quando voltava da faculdade

encontrava com ela percorrendo o mesmo caminho, sempre com o sorriso no rosto, mochila colorida e impecável. O brilho no olhar chamava atenção.

Em um desses dias de chuva, acabamos tendo aqueles primeiros encontros de conversas rápidas, e, neste dia improvável, conheci um pouco da sua história de vida. Surpresas e admirações foram marcadas por esse encontro. Quem a conhece sabe sua autenticidade e vontade de viver.

Aos poucos fui encontrando uma nova história para a minha pesquisa, quando a convidei, ficou toda contente. Ela é do tipo prestativa, sinto nela uma enorme vontade de mudar de vida e busca por reconhecimento.

No final de 2021 saiu da Vila Vicentina, um local onde morou por muito tempo. Próximo a minha casa, onde a visitei diversas vezes e estabelecemos uma relação de carinho. Por alguns motivos, foi morar com sua irmã mais velha, perdemos o contato e vê-la ficou cada vez mais difícil. Com certa dificuldade a encontrei, por informações de terceiros. Em um dia de domingo cedo, fui fazer uma visita, seu sorriso foi contagiante, era um sorriso de alegria, saudade, e nesse mesmo dia, realizamos a pesquisa.

Foi intenso e leve, que nem percebemos a hora passar, conheci sua irmã, que me recebeu muito bem. Em uma casa simples, lugar perigoso e distante, me senti abraçada, acolhida. Feliz. Ali percebi que admirar alguém nem sempre precisa de muito, alguém como a Cidinha, é o suficiente para despertar esse sentimento.

A outra participante da pesquisa é Cleuza, a conheci através de um amigo. Quando a conheci pela primeira vez, foi em um aniversário, com sua risada alta, sorriso leve e coração gigantesco. Algum tempo depois, fiquei sabendo que é estudante da EJA e assim, surgiu o convite para realização da pesquisa.

Por *WhatsApp*² a convidei, no mesmo instante, pelo áudio, senti sua alegria e disposição para ajudar. Nesse mesmo dia, já combinamos, para um sábado à tarde. O dia que aconteceu a entrevista eu estava tensa, ansiosa e com medo de não passar o que eu gostaria: leveza, confiança e admiração.

Foi tudo leve, descontraído e momentos de reflexões. Cleuza é uma mulher de garra, que lutou muito para criar seus filhos e suas filhas a ter escolhas, que ela não teve oportunidade de ter. Sinto o orgulho da sua vida de longe, de seus traços singelos e crenças sobre sua trajetória.

² WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos.

Uma de suas falas, quando encerramos a entrevista, me marcou: “*Obrigada por ter visto potencial em mim, te agradeço*” (Entrevista, 2022). E fiquei pensando em suas palavras sinceras, que por trás, podem ter marcas intensas. Uma mulher idosa, que batalhou para criar seus irmãos e suas irmãs, sua família, e mesmo assim, depois de anos, retorna à escola, merecedora de muito reconhecimento.

Incrível como temos o prazer de nos deparar com pessoas como Cleuza e Cidinha. De força e sonhos impermeáveis, que vão sendo construídos e realizados aos poucos, mas que são suficientes.

3.2.3 Questionário socioeconômico

O questionário, para Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

O questionário poderia facilmente ser aplicado às entrevistadas, sem a presença do pesquisador e da pesquisadora. Mas, no nosso caso em específico, realizamos esse momento junto com as entrevistadas, por acreditar que talvez com a dificuldade de leitura, escrita, visão ou outros meios que poderiam dificultar a realização da pesquisa. Dessa maneira, optamos por gravar as respostas e elas foram respondendo. Por esse motivo, os áudios foram transcritos posteriormente, para depois, analisarmos as informações obtidas a partir dele.

O questionário foi composto por perguntas fechadas, que possuem alternativas para as respostas, e abertas, para ajudar no desenvolvimento da aplicação já que, a proposta do questionário era traçar o perfil das participantes. Com isso, estudamos e analisamos uma perspectiva, que possibilitaria uma melhor forma de identificar o perfil delas.

Foi aplicado a duas mulheres, de turmas do Ensino Fundamental I e Ensino Médio, na modalidade da EJA, Lavras/MG em fevereiro de 2022. Salientamos que a aplicação foi diferente nos dois casos, visto que, uma das participantes conseguimos falar por telefone, sendo assim, foi marcado com antecedência. E com a outra participante, por ter mudado de casa e não ter telefone, a pesquisa foi realizada no dia que realizamos o convite, uma preferência dela.

O questionário aplicado foi subdividido por tópicos em que contempla perguntas como: Identificação; com quem residem; situação conjugal; situação de trabalho; tipo de residência e escolarização.

Outra questão que levantamos é em relação à duração da aplicação, em que, buscamos transformar o momento mais em uma conversa, por busca de informações e troca, do que um momento que pudesse se tornar cansativo e exaustivo para elas.

Essa etapa foi marcante, uma vez que, com as informações extraídas a partir do questionário sociocultural e econômico, pudemos caracterizar melhor as estudantes da EJA, respondendo em uma parte, quem elas são e as relações interpessoais que estão inseridas.

3.2.4 Entrevista Semiestruturada

Optamos por usar a entrevista semiestruturada, visto que, sua versatilidade a partir de perguntas pré-estabelecidas, pode ser mesmo assim, feito ajustes. De acordo com Ludke e André (1986, p. 33), “a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”.

Ainda para Ludke e André (1986) a entrevista semiestruturada acontece a partir de um processo simples, mas que não aplicado rigidamente, possibilita que o entrevistador e a entrevistadora façam possíveis adequações quando julgar necessário.

Sendo assim, o nosso objetivo foi partir de um caráter flexível, em que, após perguntas serem feitas, outras puderam surgir de acordo com as respostas das entrevistadas.

O intuito proposto foi de conhecer a vida delas, seus planos futuros e também como percebem a Matemática nos seus espaços cotidianos, sendo assim, nos preparamos para uma entrevista mais longa, com muito cuidado, que foi feita baseado no roteiro de Bianco (2013) (consta em anexo), mas com grande flexibilidade para novas perguntas.

O roteiro da entrevista foi subdividido por seções que abrangem questões como: Quem são; de onde elas vêm; o que pensam da Matemática; o que fazem e o que buscam.

Por Ludke e André (1986, p.35) “há uma série de exigências e de cuidados requeridos por qualquer tipo de entrevista”. Segundo as autoras, esse respeito parte de diversos fatores, inicialmente pelo entrevistado e pela entrevistada, e, envolve também questões como locais e horários marcados com antecedência conforme conveniência e, também, sigilo, caso seja uma opção.

Partimos desse pressuposto para realização da nossa entrevista, sendo assim, o respeito sempre foi um dos maiores requisitos para desenvolver essa pesquisa. Posteriormente, tentamos marcar com antecedência as entrevistas, mas, como mencionado anteriormente, uma das participantes o contato foi difícil, devido não ter acesso a telefone, tivemos que ir diretamente

a sua casa. Mas, no dia em que a encontramos para realizar o convite, a mesma optou por realizar naquele momento.

Em relação ao sigilo, as duas fizeram muita questão que os nomes fossem o mesmo, visto que, mencionaram satisfação por estarem fazendo parte da pesquisa e terem seus nomes seria uma marca de que elas estavam sendo valorizadas.

Vale ressaltar que o local para realização da pesquisa, foi na casa das entrevistadas. Inclusive, compreendemos que foi uma excelente oportunidade de visitá-las em seus lares, estando com quem residem, e, de certa forma, conhecer os seus espaços de vivência.

Consideramos que a facilidade para realização da entrevista com as participantes se deu pelo fato de a pesquisadora ter estabelecido uma relação de muito respeito e proximidade, em que, já se conheciam. Todo o momento foi leve, descontraído, sem constrangimentos e interrupções.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, faremos uma análise e discussão dos dados extraídos da pesquisa. Que ficou dividido em três momentos: Perfil das participantes, que contempla a análise geral do questionário socioeconômico aplicado a duas participantes que aconteceu no ano de 2022; circunstâncias das entrevistas e posteriormente à transcrição da entrevista semiestruturada, levantando conforme nossas interpretações questões norteadoras de acordo com os nossos objetivos estabelecidos:

- Conhecer a história de vida das estudantes e o que buscam com a EJA.
- Perceber se a idade e o fato de serem mulheres foi um empecilho para voltar ou retomar os estudos.
- Identificar como se relacionam com a Matemática nos seus diversos espaços de existência.

Apresento-lhes histórias de vidas, superações e forças de mulheres que buscam por idealização e realização pessoal.

4.1 Mulheres idosas da EJA: Como elas se veem?

Nesse primeiro momento de análise, trazemos os dados criados por meio das entrevistas realizadas, mesclando-os, de maneira viável, com fragmentos de falas concedidas pelas duas entrevistadas, já que compreendemos que os assuntos se relacionam entre si.

Quem são essas mulheres, idosas, que estudam na EJA? Quando peço para falarem um pouco sobre elas, identificamos como as duas se orgulham serem mulheres guerreiras e feitas de sonhos.

Eu me vejo uma pessoa que lutou muito, luto até hoje, dentro do possível (Pausa). Me sinto uma pessoa realizada com a família, aquilo que eu não pude ter, que é o estudo, meus filhos tiveram. (CLEUZA, entrevista, 2022).

Cleuza fala com bastante orgulho sobre seus filhos e suas filhas, e como foi sua batalha para criá-los e criá-las. E sobre seus sentimentos em relação a todos e todas estarem bem

encaminhados e encaminhadas. Como deixar seu esposo na roça, e ir para cidade, para que seus filhos e filhas pudessem estudar e ter as chances que ela não teve.

Descreve orgulhosa sobre os netos e netas estarem na faculdade, percebe-se uma grande adoração de sua parte com os estudos, acreditando que seja o melhor caminho para crescer na vida. Santos (2009) verificou esses dados em sua pesquisa: “A educação se tornou um valor para elas que reconhecem a importância daquilo que elas não receberam. (SANTOS, 2009, p. 128). Cidinha relata,

Eu acho assim, inteligente, andada no mundo, já morei fora, aprendi muita coisa na cidade, me arrumo, me sinto bonita para mim, porque não tem ninguém pra falar isso para mim, eu sinto bem do jeito que eu sou, feliz, hora nenhuma ninguém vai me ver triste (Pausa) sou feliz do jeito que eu sou. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Os novos idosos e as novas idosas estão realizando atividades que não tiveram oportunidade de realizar quando jovens. A maioria deles e delas percebe a velhice como um momento onde não possuem mais o compromisso com o trabalho e com os filhos e as filhas e que podem se colocar como prioridade, dedicando seu tempo vago para praticar exercícios, conhecer novos lugares e também realizar o sonho de concluir os estudos (MARQUES; PACHANE, 2010).

Inicialmente, acreditamos que a idade podia ser um empecilho para que elas voltassem a estudar. Mas, ao conversarmos sobre essa questão, percebemos que ambas não sentem vergonha ou que isso tenha sido um obstáculo.

Nunca, jamais, podia estar com 80 anos, eu não tenho nada pra fazer a noite, eu prefiro estar na escola, aprendendo, no meio de amigos. Ponho minha mochilinha nas costas e espero o ônibus. (CLEUZA, entrevista, 2022)

O que aproxima muito do que Freire (2003, p.105) cita: “vem aumentando a consciência de que os idosos podem sentir-se mais felizes e realizados e de que, quanto mais forem atuantes

e estiverem integrados em seu meio social, menos ônus trarão para a família e para os serviços de saúde.”

Hoje em Lavras, temos duas escolas, que ofertam as aulas da EJA no turno noturno, sendo uma dedicada ao Ensino Fundamental e outra ao Ensino Médio. Cidinha, que atualmente está no Ensino Médio, menciona sobre as piadas de mau gosto feitas por alguns estudantes e algumas estudantes quando estava na outra escola, por conta da idade. E em outro momento, Cleuza também retrata sobre essa triste realidade “*Quando eu estava em outra escola, os meninos passavam e falavam lá as aulas das mulheres velhas*” (Entrevista, 2022). Diante disso, Lloret (1997, p. 13) ressalta que,

A idade não é sua nem minha, é a idade do outro que, a nos ser dada, nos possui. Nessa expropriação de nossas diferenças cronológicas, nosso próprio tempo fica aprisionado. (LLORET, 1997, p. 13).

Estudar para ter reconhecimento social? Compreendemos que seja uma pauta importante. Dessa forma, Honneth (2003) tenta compreender as lógicas do reconhecimento social. “A luta por reconhecimento, por sua vez, se estrutura na construção da identidade individual e na constituição da subjetividade. Compreender como a construção da identidade e da autonomia contribui para o estabelecimento dos conflitos que produzem o reconhecimento e como, no caso dos alunos da EJA, a recuperação da identidade poderá ser um estímulo à luta por reconhecimento”. (GOMES, 2015, p.16-17)

Pensando nessa perspectiva, quando peço para falarem sobre um acontecimento que marcou a sua vida. Cidinha, já fala ríspida e sem pausa:

Me deixa ver um acontecimento triste, não tenho vergonha de contar, eu nunca fui reconhecida, para muita gente eu sou pequena, pequena em questões materiais, eu tenho que ter muito pra ser, e eu sei separar quem gosta e quem não gosta. Por conta de coisas materiais você não pode humilhar os outros. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Esse acontecimento marcou um sentimento inconformado e incessante para tentar compreender o que ela passou. Foi possível perceber sua tristeza, e em outro momento, surge o sentimento pela sua família, que a julga muito. Inclusive, em estudar.

Desse modo, muitos idosos e muitas idosas procuram a Educação de Jovens e Adultos para se inserirem na sociedade e se engajarem em suas práticas sociais cotidianas, em que compreendem que é uma forma de voltar e continuar os estudos, além de obterem reconhecimento social (SANTOS et al., 2016, p. 3).

Com essas constatações, percebemos que ambas têm perfil definido na sociedade: são mulheres de garra, que mesmo com limitações/dificuldades não desistem dos seus objetivos. A escola é uma busca por realização pessoal, objetivos e busca pelo diploma. Ser quem elas são não é e nem foi tarefa fácil, mas ainda assim, são preenchidas pela felicidade de serem quem elas são.

4.2 Mulheres idosas da EJA: Quais as suas relações com a escola e a Matemática; o que pensam e o buscam?

Depois de breves e intensas reflexões, nos deparamos com os objetos de estudo que foram essenciais para a pesquisa. Saber da relação delas com a Matemática, suas facilidades e dificuldades.

De acordo com Cidinha, uma das suas dificuldades são os números primos, expressões e também contas de dividir. Pelas suas falas percebo uma dificuldade em diferenciar a multiplicação e divisão.

Primos e aquela de x, eu falei pra professora, dar um jeito de ensinar direito, oh conta difícil, e a matemática tá em tudo que é lugar, coisas minhas, banco meu, nem gerente põe a mão, não deixo. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Naquela hora de multiplicar, aquela de dividir é pior que de multiplicar, ela mistura (risos) ela deu uma tabuada de conta pra frente, mas eu falei pra professora que não entendi, você vai me explicar de novo. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Segundo ela, tem facilidade em somar, subtrair e multiplicar, mas a parte de divisão é um conteúdo que ela possui dificuldades, e pelas suas falas, confunde muito seu raciocínio: “*Não é que eu não sou de aprender, mas matemática é difícil*”. (Entrevista, 2022)

Cleuza menciona sua dificuldade na multiplicação:

Eu gosto de Matemática, mas eu gosto de somar, quando é aquela de vezes, eu embaralho. Eu gosto mais da Matemática, mas não sou tão boa, quando é pra multiplicar já tenho um pouco de dificuldade. (Cleuza, entrevista, 2022)

Pesquisadora: A que você atribui essas dificuldades/facilidades para lidar com a Matemática?

Cleuza: Multiplicar eu acho difícil, mas eu não desisto, acho difícil, mas não desisto, quero chegar ao objetivo

Cidinha: Ela me atrapalha muito, que você tem que somar, vai somando, somando, vai esticando, no fim ela acaba com zero ou um, chega num ponto você fala o que eu vou fazer?

Com esse relato, Cidinha menciona as contas de divisão, que é onde ela encontra mais dificuldade. Para elas, a Matemática é uma ferramenta importante. Mas, conforme listados nos relatos acima, existem conflitos para compreender certos conceitos Matemáticos, e dentre isso, as operações básicas, que usualmente estão em tudo que fazemos. De acordo com Lloret (1997) as mulheres da EJA trazem com elas mesmas, uma dificuldade de aprendizado, muitas vezes, justificado pela questão cognitiva e de idade, o que pode ser por consequência de uma trajetória de vida reprimida pela sociedade.

Compreendemos que identificar a relação dessas mulheres com a escola e a Matemática, é um papel importante. Nessa parte, também buscamos levantar se recebem suporte dos familiares para aquisição do conhecimento, e ainda, se conseguem perceber a relação da Matemática nas suas vivências diárias.

Quando perguntamos sobre a relação delas com a escola e demais estudantes, identificamos que ambas se relacionam muito bem, observamos um respeito tanto por parte delas quanto dos professores e das professoras, destacam o momento do recreio, como um acontecimento agradável. A forma como elas são bem resolvidas em relação aos seus objetivos pessoais, não interfere na diferença de idade com os outros estudantes e as outras estudantes.

Em uma das falas de Cidinha, coloca: *“Eu sou a mais velha da escola, não escondo minha idade não”*. (Entrevista, 2022)

Como mencionamos anteriormente, por mais que elas não se importem com a diferença de idade que as cercam, ainda sim, surgem piadas que poderiam ser um problema. De acordo com (Bezerra, 2014) os idosos e idosas, ainda são discriminados na sociedade e enfrentam vários desafios que poderiam levá-los e levá-las a desanimar. Entre eles: o preconceito que temem sofrer dentro da escola; a dificuldade de memorização; o longo tempo longe dos bancos escolares.

E lá tem bastante aluno que faz gracinha, mas a gente nem liga, passa às vezes bate na porta da sala tirando sarro, aqui é o Mobral? Mas a gente nem dá bola. (CLEUZA, entrevista, 2022)

As pessoas idosas nos dias atuais tornaram-se mais produtivas, mas mesmo assim desvalorizadas, muitas vezes julgadas como incapazes. Mesmo lidando com o contexto atual, de modernidade e inclusão, percebe-se que mesmo a população idosa sendo numerosa, a velhice é analisada por muitos e muitas como uma relação de inutilidade, dependência, em que, proporciona formas de exclusão social, discriminação. Pelo relato mencionado, nota-se o constrangimento que essas mulheres sofrem nos espaços que frequentam. E de certo modo, buscam pela inclusão e não diferenciação por questão de idade.

Um fato que levantamos desde o início da pesquisa como essencial, é de identificar se recebem amparo ou suporte para realização desse objetivo. Será que o fato de receberem apoio pode ser um ponto que a incentivam na obtenção desse sonho?

Sendo assim, ao indagá-las sobre essa questão, percebemos que elas não tiveram tanta assistência, Cleuza um pouco mais, no que tange aos outros familiares. Em alguns relatos, podemos observar:

Do meu marido não, ele foi contra, quando eu falei que ia estudar, ele disse “bobagem, você já tá velha”. E eu disse para ele “você estudou, eu não, agora que eu posso, eu vou. Hoje ele me incentiva, mas no começo foi contra, tem dia que ele vai até me buscar (risos). (CLEUZA, entrevista, 2022)

Quando Cleuza expressa esse acontecimento, notamos como a sua opinião e objetivo foram muito maiores do que a do seu esposo. Poderia por vezes, ser um motivo que a desmotivasse, e sendo assim, desistiria da sua vontade de estudar.

Pela outra entrevistada, Cidinha, infelizmente a família não a incentivou estudar, e isso permanece até nos dias de hoje. Em uma de suas falas, menciona a própria irmã, ao qual ela mora. Mas mesmo não tendo esse suporte em casa, conseguiu encontrar com os professores e professoras, nas amizades.

Pesquisadora: Se você não tivesse apoio, acha que já teria desistido?

Cidinha: Tinha, porque não é um estudo grande, não é o estudo que todo mundo tem, mas tem o diploma e vestir roupa. Essa roupa a que ela se refere é o sonho de vestir a beca.

Marcas de exclusão estão bem expostas nos relatos acima, mesmo que tenha sido pelo meio familiar este se refere a uma discriminação e exclusão social. Os estudantes e as estudantes da EJA chegam à escola com marcas de rejeição, descrédito, em maior porcentagem pelos idosos e pelas idosas, em que mesmo assim, tentam superar esses preconceitos. Compreendo que essas mulheres, retornam à escola com expectativas de esquecer essas marcas de preconceito, com a vontade de aceitação no meio em que se vivem.

O aluno, (...), precisa sentir-se integralmente aceito para que alcance plenamente o desenvolvimento de seus aspectos cognitivo, afetivo e social. (BALESTRA, 2007, p.50) e (JUSANI, 2009, p. 3).

Partimos do pressuposto de questioná-las onde aprendem Matemática, o propósito é de ir construindo um caminho para chegarmos então no nosso objeto de estudo, identificar quais as suas percepções com a Matemática fora da escola. Nesse contexto, as duas participantes, citam apenas a escola como o único meio de aprender Matemática.

Dando continuidade no nosso roteiro de entrevista, temos um diálogo bastante interessante, que ressaltamos a importância dele.

Pesquisadora: Antes de estudar você já mantinha contato com a Matemática? Onde? Como?

Cleuza: Não, fazia muita continha no caderno, números, letras eu conheço todas, mesmo antes de ir pra escola, eu já sabia, tinha dom. Às vezes tinha que fazer uma conta, meu marido não estava em casa, aí somava, conferia, somava, recontava. Eu já tinha essa vontade de aprender.

Pesquisadora: O que você somava?

Cleuza: Conta de mês que a gente tinha pra pagar, receber, contas do dia, o que ia entrar pra receber, era esse tipo de conta que eu fazia. Somava pra bater pra ver se ia dar com o salário que tínhamos pra receber.

Sobre isso, Paulo Freire (2003) ressalta:

A partir do momento que estes sujeitos frequentam a escola, podendo ter acesso a conhecimentos que facilitam o seu cotidiano, seja através do aprimoramento da escrita, das operações matemáticas ou de conhecimentos sobre o mundo atual e de novas tecnologias, a escola lhes garante também uma maior inclusão social.

Analisando os trechos em destaque, observamos que as falas de Cleuza, por vezes, são contraditórias. Ela declara que a escola é o único meio para aprender Matemática, em seguida admite perceber a Matemática nas atividades de compra e venda. Notamos, também, que ela consegue identificar a disciplina como uma ferramenta para realização das tarefas de casa, mais ainda, mesmo não tendo nenhum tipo de estudo, conseguia fazer contas com o uso da calculadora.

Em outra conversa com Cidinha, permanece resistente, acreditamos que o trauma causado pela professora anteriormente, pode ter sido um fator importante. Em uma de suas falas, podemos visualizar: “*Não, eu larguei tudo, eu não gostava que falava nem em professora de Matemática*” (Entrevista, 2022).

Ainda que, pelas suas falas, considera a Matemática:

Um estudo muito bom, se a pessoa aprender, que tudo leva a Matemática, sem a Matemática você não compra nada, a leitura também faz falta. A leitura e a Matemática fazem muita falta. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Quando Cidinha denota sua opinião acerca do que acha da disciplina, está sendo expressa na importância dela para a vida, mas pelas suas outras falas, entendemos que ainda a forma que lida com a Matemática é um problema que vem desde quando estudou mais nova, acha difícil, mas percebe como uma aprendizagem necessária e valiosa.

É interessante notar que, mesmo com as dificuldades impostas por ela, não descarta a possibilidade de compreender, pedir à professora para explicar de novo. Em seus relatos, nota-se que por mais que tenha dificuldades com os algoritmos, o seu raciocínio para realizá-lo é coerente.

Pensar sobre a Educação de Jovens e Adultos e a Matemática é um tanto enigmático. Uma vez que, ao pedirmos para que elas analisassem o seu desempenho na disciplina de Matemática, as duas declaram como satisfatório. Visto que, apesar dos obstáculos para lidar com ela, encontram vontade para tentar compreendê-la.

Para Cleuza e Cidinha, o fato de serem mulheres não interferiu ou interfere na aprendizagem. Cleuza ressalta: *“Não, porque eu acho que é uma coisa que todo mundo tem que aprender”* (Entrevista, 2022). Sobre isso Carvalho (2004) manifesta que concepções que reduzem as mulheres em todos os campos sociais ainda estão, infelizmente, próximas a nós. Se elas existem, então, os discursos promovem mantê-las. No que se trata ao campo da aprendizagem Matemática, esses discursos ainda permanecem, em que, dias após dias, ainda temos que escutar que os homens são melhores em Matemática do que nós mulheres.

No ponto de vista das participantes, o fato da idade, não interfere no processo de aprendizagem. Sobre isto, Cidinha cita *“Não, 74 anos, não mexe nada em mim de atrapalhar, nem em sair bonitinha, roupa colorida”*. (Entrevista, 2022)

Para Silva e Gouveia:

Quando o idoso se reconhece parte da sociedade e percebe que ainda pode ser produtivo e ter objetivos, sua autoestima se desenvolve. Este processo pode trazer benefícios até mesmo a sua saúde, evitando doenças psicossomáticas como a depressão por exemplo. (GOUVEIA; SILVA, 2015, p.9)

Dando continuidade, ainda perguntamos se a idade foi um empecilho para voltar a estudar, e, Cleuza fala rapidamente e sem pensar que não. Já Cidinha, ressalta: *“Põe, porque chega num ponto que você tá nova, na praça, e depois você fica pro canto”* (Entrevista, 2022).

Ao considerar essa fala, a velhice pode ser objeto de uma construção social da invisibilidade. Nesse caso, homens e mulheres, ao chegar à etapa da vida denominada velhice, vão perdendo a visibilidade e desaparecendo socialmente, a ponto de serem esquecidos, desprezados em suas opiniões e banidos de convívio familiar e dos postos de controle, de poder, de decisão (PEREIRA, 2014, p.15).

Frente à pergunta: Você utiliza a Matemática em alguma ocasião?

Cidinha: Fazer conta quando vou em algum lugar, somar meu dinheiro, ver se ninguém tá me passando pra trás, \$1,00 eu sei que tá.

Pesquisadora: Você acha que depois que voltou a estudar, isso te auxiliou mais?

Cidinha: Muito, mas mesmo assim, antes de estudar eu sabia, agora orientou mais, mexer com comércio.

Analisando esse diálogo, podemos extrair algumas reflexões. Como a importância dos conceitos Matemáticos para a vida dela. Em sua cabeça, mesmo antes de estudar, já sabia lidar com essas questões. Sobre isto, Saltini (2008), refere:

A educação abre caminhos e tornando-se gente, o indivíduo qualifica-se como um ser social pronto para contribuir para o seu país e também para a sociedade. Um ser livre que busca, crítica, renova, entende, pensa, e possui estrutura necessária para integrar-se à sua família e ao seu Estado. Enfim, ele é um ser que se relaciona em cooperação e desafios principalmente em competições.

Ainda nessa perspectiva, Cleuza, relata “*A hora que chega o momento de pagar as contas*” (risos) “*É a hora que mais usamos Matemática*” (Entrevista, 2022). Diante desses relatos que evidenciam como elas conseguem perceber a importância da Matemática em tarefas necessárias para as suas vidas.

Destacando as dificuldades e facilidades, elas citam: “*Quando a aula é no último horário, por causa do ônibus. Quando é no começo eu consigo ter mais calma, eles não querem escrever, só no aparelho.*” (CIDINHA, entrevista, 2022) e “*Difícil é multiplicação, as outras eu acho até legal, gosto*” (CLEUZA, entrevista, 2022).

Quando ela, Cidinha, trata sobre o aparelho, quer dizer sobre o celular. Que inclusive, não é uma ferramenta que ela tenha facilidade e comenta em alguns momentos esse atrito para lidar com algumas propostas de aula.

Aprendendo e assim sozinha, não sou muito de alguém me ensinar. A minha irmã aqui não me incentiva, acha que o ensino é de qualquer jeito. Mas muita gente me incentiva. Eu achei bom você chegar aqui porque eles me colocam como ninguém. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Os acontecimentos eles marcam e preenchem um espaço que muitas vezes não pode ser esquecido. Na maioria dos relatos, Cidinha, sempre retorna na falta de encorajamento que a família não se propôs a dar a ela. Pode ser muitas questões que ligam esses sentimentos, mas ao fim, acreditamos que isso seja um desconforto e algo que incomode ela, em que a aceitação fosse algo que ela busque.

Em relação à outra dificuldade exposta, multiplicação, Cleuza, que está no Ensino Fundamental, discorre sobre essa repulsão. Pra lidar com essa dificuldade, cita:

Pergunto pra professora, até mais de duas vezes, falo pra professora, repeti pra mim. Levo pra ela ver se está certo, mas na maioria mais acerto do que erro, mas não deixo de perguntar. (CLEUZA, entrevista, 2022)

Pesquisadora: Em quais situações a Matemática tem lhe ajudado?

Cidinha: Muita entra ali comprar uma coisa, eu tinha mania, então o dinheiro não sobrava, hoje sobra, porque eu sei que de picadinho ali vai somando, acabei com aquilo de comprar muito, compro o que precisa agora.

Cleuza: Fazer as contas, muitas vezes eu usava calculadora, pouco uso agora, só quando são uma conta muito difícil, essas fáceis, eu não uso mais.

Percebemos na fala de Cidinha, bem como na de Cleuza, a compatibilidade entre a Matemática que é reconhecida socialmente e a Matemática que elas utilizam diariamente. Elas percebem a relação que uma desempenha na outra.

Em relação aos obstáculos, Cidinha relata:

Mudança de escola, mudou as contas do ensino fundamental, para o médio. Era mais fácil, começou com os primos, só que nessa escola, o primo difícil, depois começou com x, 2x, ai nossa senhora, é difícil. Levo a tabuada, mas tem umas que não tem né, aí é difícil (Entrevista, 2022).

Conseguimos caracterizar como uma confusão no seu pensamento. Faz uma mistura de conceitos e parece se embaralhar para concluir seu raciocínio. Entre seus relatos, conseguimos perceber que após passar para o ensino médio as dificuldades ficaram maiores, adaptação de nova escola, novos professores e novas professoras, localidade, foram fatores importantes nessa transição.

4.3 Mulheres idosas da EJA: O que buscam?

Ao perguntarmos sobre se interromperam alguma vez os estudos enquanto estudantes da EJA, Cleuza pontua que sim, devido à pandemia. Como ressaltado anteriormente, ela teve seus estudos suspensos, consequência da dificuldade com acesso e também por optar pelo ensino presencial, segundo ela. No nosso entendimento, o fato maior é pelas questões de vivência com a sala de aula, escola, professores e professoras, colegas, uma vez que, essas relações são importantes para ela.

Cidinha, não havia compreendido a pergunta, e mencionou sobre sua vida escolar antes de retomar com a EJA, mas mesmo assim, trazemos suas considerações, devido à importância de seu pensamento. Para ela:

Antigamente era diferente, tinha muito racismo, tomava bomba em uma matéria, tomava em todas e a gente tinha que trabalhar, porque tinha muita dificuldade, muito pobre. Não tinha tempo pra pegar no caderno, comecei a trabalhar com 14 anos. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Nesse momento ela relata que trabalhou desde muito nova, trabalhando em casa de família, fazendo faxina, para ajudar em casa. “A educação das crianças negras se dava na

violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência” (LOURO, 1997, p.2) e ainda Alves (2019) comenta nessa perspectiva, relatando que as pessoas negras, principalmente as mulheres, eram consideradas ou destinadas à aprendizagem apenas a trabalhos manuais, trabalhos domésticos. “A visão que se tinha dessas pessoas era de incapacidade de abstração. Como não eram educados para tal fim, continuavam sem o acesso à escola e sem educação, isto é, não tinham perspectiva de vida e, assim, a visão sobre elas somente era reforçada” (ALVES, 2019, p.33)

Em relação ao que as motivaram a ingressar na EJA, surgem objetivos diferentes. Cidinha menciona sobre onde morava como mencionamos anteriormente na Vila Vicentina, cercada por outras mulheres, deprimidas, que assistiam televisão o dia inteiro: *"Televisão, não tinha nada pra ver, e eu não gosto de ficar em casa, gosto de ir pra rua. Aí onde eu morava, eles me deixaram estudar, porque ninguém pode impedir"* (Entrevista, 2022).

Segundo Pereira (2012):

Na sociedade contemporânea, convivem formas distintas de ser velho/ idoso. Há aqueles que vivem a velhice enquanto castigo, relacionada à decadência física, depressão, ao abandono familiar, banimento social, com período que antecede a morte – a velhice invisível. Mas há vivências de velhice construídas em padrões diferentes – uma velhice ativa (PEREIRA, 2012, p. 15).

Pensamos que a escola foi uma fuga para que ela se sentisse mais livre, independente e realizada. O pensar dela, é viver, conhecer coisas novas, e, mudar.

Esta nova geração de velhos está nas ruas, participando de atividades culturais, políticas, comunitárias; é consumidora exigente de bens de serviço, demonstrando não ter o mesmo comportamento da geração anterior. (PEREIRA, 2012, p. 13)

No que se refere à realidade que estamos inseridos, podemos perceber a escola sob algumas perspectivas: a escola como um espaço de sociabilidade, de transformação social ou como um espaço de construção do conhecimento (COSTA et al, 2006)

A história de Cidinha mostra como os impactos da escola proporcionam na vida dos seus estudantes e das suas estudantes. A rotina de vida dela antes de iniciar os estudos, estava condicionada ao espaço de casa. Por mais que tivesse outros afazeres, como sair, conviver com outras pessoas, não foi o suficiente. Pelos seus relatos, o seu círculo social ampliou com a escola, sua rotina mudou, conhecer outras pessoas, ter outras relações, são situações de vivência importantes para o crescimento pessoal de cada um de nós. É nesse contato com o outro e a experimentar outros ares que enriquecemos o modo de ver e lidar com o mundo.

Para Cleuza foi à vontade de aprender: *“Enxergar melhor a vida, eu penso assim, cego é aquele que não quer ver, enxergar a beleza das letras, de tudo, admirar a leitura”* (Entrevista, 2022). Para Freire (1989, p.8), o ato de ler é muito mais do que decifrar a escrita, a leitura tem um elo intrinsecamente com a realidade, é um processo dinâmico. Nessa perspectiva, pode-se dizer que ela envolve o ser humano desde o seu nascimento e perpassa por toda experiência de vida. (SANTOS; DANTAS, 2017, p.3)

É importante levantarmos que o que cada estudante pretende com os estudos se modificam, uma vez que, um estudante e uma estudante de 18 anos com outro e outra de 60 anos tem perspectiva de vida e planos muito diferentes. Mas ao me deparar com as participantes, percebemos algo muito em comum, buscam aprendizado, novas oportunidades, sem preconceitos e sem injustiça. Mas ainda, se limitam pela questão da idade. Conforme o relato abaixo:

Nada mais, porque parou, com a idade que tenho, mas se um dia eu for chamada lá fora, é conhecer o mundo (pausa), você aprende muita coisa lá fora. (CIDINHA, entrevista, 2022)

Já para Cleuza, cita *“Aprender pro meu bem, pra mim mesma, me sentir bem comigo mesma”* (Entrevista, 2022), nesse relato, percebemos que o seu objetivo é uma realização pessoal, para si.

No livro, Costa, Álvares, Barreto, 2006, menciona reflexões acerca disso:

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais

relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa. (COSTA et al., 2006, p.5)

No que tange a relação delas com os professores e as professoras, estudantes, as duas, expõe que é ótima. Mas, na fala de Cidinha, podemos identificar uma controversa no que se refere a isso: *"Ótima, elas conversam demais, barulho de moto, agora mulheres contando a vida de casada. Nós conversamos mais é elas lá e eu cá"* (Entrevista, 2022). Pensamos que como ela mesma mencionou que é a mais velha da escola, os interesses e perspectivas não são os mesmos. Cada qual vivendo momentos diferenciados, experimentando vivências e expectativas relativas à faixa etária a que pertencem, escolhendo estar na escola por motivos completamente diversos (GARCIA; SILVA, 2018, p. 91)

Ao nosso modo de ver, as idosas participantes dessa pesquisa, vão à escola com um grande comprometimento do mundo, o momento de aprendizagem é único e importante para elas, sendo assim, isso se diversifica dos outros estudantes e das outras estudantes que muitas vezes estão na sala de aula apenas para obtenção de um título.

Ao perguntarmos se a Matemática as pode ajudar a alcançar algum objetivo pessoal, nos deparamos com valiosas informações que mostram como elas, idosas, mulheres da EJA relatam a importância da disciplina para suas vidas ao qual desejam.

Pode, porque numa mudança de vida minha, eu vou precisar muito dela, aluguel de casa, faz falta na conversa, eles veem que você é inteligente. Isso ajuda, porque você chega num lugar, vê que você não é qualquer pessoa, uma pessoa estudada. (Pausa) Eu fico feliz indo pra escola, pego minha mochilinha e vou numa alegria, eu tomo banho e coloco a roupinha e vou. (CIDINHA, entrevista,2022)

E Cleuza pontua: *"As contas mesmo do dia a dia"* (Entrevista, 2022). Com tais falas, podemos perceber o quanto os direitos básicos dessas mulheres foram violados. Pessoas alfabetizadas e que nunca sofreram tais discriminações, não imaginam quanto essas mulheres se sentiam mal por não conseguir resolver suas próprias questões rotineiras sozinhas. Com tais

relatos, nota-se o quanto foi fundamental o retorno para elas e o quanto suas vidas mudaram para melhor. Agora elas conseguem ter autonomia, pegar ônibus, ler placas, fazer compras, ter controle financeiro e viver de forma livre.

No que diz respeito ao que falta para que o desempenho delas na disciplina de Matemática aprimorasse, Cidinha indica: *"O ensinamento dela, mas paciência comigo, a paciência faz falta, por causa do tempo. Não é culpa dela, tem muito aluno"* (Entrevista, 2022). Nesse trecho, conseguimos notar como a questão do tempo é corrida e a quantidade de estudantes ocupando as salas de aula. São essas questões que permeiam o ensino, que em modo geral, são obstáculos que professores e professoras precisam se enquadrar, e no mais, não consegue dar suporte para todos e todas.

Para Cleuza: *"Não ter parado esses dois anos, eu acho que eu estava mais adiantada, por causa da pandemia, sinto falta"* (Entrevista, 2022). Assim, entendemos que as consequências causadas pelo COVID-19 afetaram seu aprendizado, uma vez que, teve que interromper seus estudos, por não se adaptar bem com a nova proposta de ensino que foi implementada nas escolas públicas do nosso país.

Frente à questão do que elas mudariam nas aulas de Matemática, temos:

Cidinha: Mudaria muita coisa, pra eu aprender, porque ela vai fazer muita falta pra mim, ela, o inglês, geografia.

Pesquisadora: Consegue dar um exemplo?

Cidinha: Elas terem mais tempo, porque mudar as contas não pode. (risos)

Cidinha: E ter mais aula, toda hora trocando gente com outra aula. E faz falta, quanto mais aula você tem mais você aprende.

Pensando nesse diálogo ela ainda relata que as aulas de Matemática são curtas e acontecem na última aula, sendo assim, é correria para que ela consiga pegar o ônibus. Infelizmente, essa questão que ela destaca, acontece não só na EJA, mas no ensino em um modo geral. E em seus relatos Cleuza, refere que não mudaria nada.

Pesquisadora: Não tem nada que mudaria? Metodologias ou outra forma que gostaria de explorar nas aulas de Matemática?

Cleuza: Sim, isso sim.

Desse modo, precisamos ressaltar que as ferramentas utilizadas nas aulas, nem sempre conseguem atender a demanda no que diz respeito à classe idosa, o que nos permeia o seguinte questionamento: De que forma os professores e professoras podem atuar no processo de escolarização dos idosos e idosas?

Para lidar com esse desafio, contendo uma classe de estudantes com várias idades, culturas e objetivos, acreditamos que é necessário desenvolver uma percepção mais ligada às necessidades de um modo geral, conhecer os estudantes e as estudantes, planejar estratégias que consigam reintegrar essas pessoas na sociedade, que compreendemos ser complexo, mas que busque ser inclusivo e atender não só os jovens, mas também os idosos e idosas, que estão cada vez mais, ocupando os seus espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres de luta, de fibra, que sejam apenas como elas são, da forma que são, que almejam um crescimento diário e busquem sempre se sentir pertencentes aos lugares pelos quais circulam. (ALVES, 2019, p.37)

Partimos do pressuposto de entender como mulheres, idosas, estudantes da EJA, compreendem a Matemática se relacionam com ela nos seus diferentes contextos de vida e existência. Em que, entendemos que todas as pessoas, independentemente de serem alfabetizadas ou não, possuem contato diariamente com a Matemática. Desse modo, partimos da análise de um questionário socioeconômico e uma entrevista semiestruturada, com o intuito de buscar analisar como elas se percebem, suas marcas históricas e também como lidam com a Matemática em sua vida, nos detalhes, nas necessidades que a Matemática nos cerca.

Esse trabalho nasceu como já dito na introdução de nossas inquietações, esperanças, vontade de conhecer histórias de vida, de pessoas marcadas por dificuldades, mas, que acima de tudo, lutam para realizá-lo, independente de pessoas, circunstâncias, idade ou ainda por ser mulher. Isso não significa que essa monografia chegue ao fim, pelo contrário, a partir dela, surgiram várias outras inquietações que darão segmento para outras pesquisas.

Ao falarmos de mulheres, compreendemos várias relações, que excluam essas mulheres de estudar, como: rotina, falta de oportunidade devido a problemas financeiro, exclusão, práticas racistas como um todo e a triste convenção social da mulher doméstica, esposa e mãe. Contamos com duas participantes, acima de tudo idosas, uma, Cleuza, que teve que esperar os filhos e as filhas crescer, e depois se aposentar, para iniciar os estudos. A outra, Cidinha, que não tem filhos e nem casou, mas teve que desde nova trabalhar para ajudar a família.

Essas memórias, nos levam a inquietações, e, acreditar mais do que nunca, que as salas de aula da EJA, estão marcadas pela diversidade e obstáculos. Por diferentes pessoas, independentemente de sua marca, cultura e história, que carregam narrativas que precisam ser contadas para então viver uma nova forma de educação e de mudanças.

Ao nos deparar com Cidinha e Cleuza, falando sobre suas vidas, não compreendemos apenas para esse trabalho, mas pudemos tecer também em relação a tantas dificuldades que são decorridas de vários processos, inclusive em ser mulher, e ter o papel fundamental de cuidar de casa e dos filhos e das filhas, para depois buscar realização, como foi o caso de Cleuza.

A pesquisa buscou problematizar como mulheres, idosas, que estão matriculadas na EJA, percebem e lidam com a Matemática. Através das entrevistas foi possível compreender como elas possuem contato diariamente com a Matemática em suas vidas, e mais ainda, como conseguem identificar essas relações que aprendem na escola nas suas vivências como, mulheres, independentes e donas de casa.

A análise das entrevistas demonstra que apesar dos incentivos serem diversos, o desejo de aprender a ler, escrever, buscar independência, se apresenta como fator comum entre elas. Na infância o trabalho foi o motivo de barreira e exclusão para frequentar a escola, na vida adulta o trabalho e afazeres impostos por ser mulher, foram os fatores para impedimento, só mais tarde, quando estão aposentadas, que essa realização acontece.

Nosso objetivo desde o início foi conhecer a história de vida dessas mulheres, ou seja, o que fazem, o que pensam e o que sonham para a vida futura. Com seus relatos, podemos compreender muitas dificuldades, mas, no todo, mulheres fortes, sonhadoras e que buscam por vários propósitos, sejam eles, reconhecimento, dignidade e independência.

No que compreende o papel da Matemática na vida dessas mulheres, idosas, estudantes da EJA, propomos uma análise para observar se acreditavam que a disciplina fosse distante do contato diário delas. De modo geral as participantes sabem da necessidade de aprender a Matemática escolar e a considera importante por vivenciá-la nas práticas sociais e ao relacioná-la com a matemática vivida em seus meios sociais.

Ao que permeia conhecer quem têm auxiliado elas na aquisição dos conhecimentos, por um lado, têm Cleuza, que aparentemente teve suporte dos filhos e das filhas e netos e netas, mas não do esposo, que hoje lida muito bem com a situação. No outro, Cidinha, que vivenciou diversas situações que poderiam desmotivá-la, devido às rejeições e olhares da própria família, mas que encontrou amparo na escola e com pessoas próximas.

Acreditamos fortemente que quando recebem o apoio da família, professores e professoras ou amigos e amigas, para estudar, se sentem mais entusiasmadas. O grau de afetividade que envolve a relação do professor e da professora com seus pares representa o fio condutor e o suporte para a aquisição do conhecimento pelo sujeito.

Ao que se refere compreender se a Matemática tem se tornado uma ferramenta de auxílio, formação e inclusão na vida delas. Entendemos que sim, em vários momentos

decorridos anteriormente, temos essas percepções. Cleuza e Cidinha conseguem hoje lidar muito melhor com as contas do mês e controlar seu financeiro.

O que esperávamos com a pesquisa, alcançamos. Dizemos que muito mais, ganhamos vivências e conhecimentos que contribuíram para a nosso desenvolvimento. A nossa amostra foram duas mulheres, que estão ingressadas na EJA e que puderam tornar essa realização possível. Mas, em outros lugares as percepções e trajetórias vão mudando, de acordo com cada pessoa. E acreditamos que essa realidade aconteça em outras cidades, estados e que cada vez está ganhando mais força. Mas, ficamos felizes em desenvolver a pesquisa, conhecer essas mulheres de garra.

Quanto à relevância da pesquisa, ocorre pelos motivos que mulheres precisam enfrentar na sociedade, como desigualdade e preconceito. Como vimos em alguns trechos citados na pesquisa. Desse modo, é pelos estudos que muitas dessas mulheres encontram uma alternativa para mudar suas vidas. Sendo assim, acreditamos fortemente na importância que foi desenvolver esta pesquisa, para conhecer a realidade de duas mulheres, idosas, estudantes da EJA, com o intuito de contribuir para o incentivo dos estudos.

Para finalizar, acreditamos fielmente na importância de preparar os professores e professoras como apoiadores e incentivadores dos idosos e das idosas na escola, para que, consigam ter maiores possibilidades de sucesso e realização. Diante do que apresentamos, é fundamental pensar no tipo de modelo que é apresentado nas escolas, buscando não um modelo de educação para a diferença, mas sim, para a diversidade. De maneira, que todos e todas sejam compreendidos com suas singularidades e que no todo tenha como objetivo permanência e inclusão.

REFERÊNCIAS

- ALRO, H. & S. O. **Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática**: tradução de Orlando Figueiredo – 2ª edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- ALVES, J. E. D. Inserção social e exclusão política das mulheres brasileiras. **Inclusão Social em Debate**, p. 1-15, 2009.
- ALVES, Y. C. **Trajetórias de vida de mulheres da EJA**: o papel da escola no empoderamento feminino. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- ARAÚJO, J. L.; BORBA, M. C. Construindo Pesquisas Coletivamente em Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- BARBOSA, L. A. L. Masculinidades, feminilidades e educação matemática: análise de gênero sob ótica discursiva de docentes matemáticos. **Educação e Pesquisa**, v. 42, p. 697-712, 2016.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- BELLO, J. L. P. Movimento Brasileiro de Alfabetização - **MOBRAL. História da Educação no Brasil**. Período do Regime Militar. Pedagogia em Foco, Vitória, 1993.
- BEZERRA, E. V. **A educação de jovens e adultos na terceira idade**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- BIANO, S. **Narrativas de mulheres alunas da EJA sobre como percebem e lidam com a matemática**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Científica) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, 2013.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BORBA, M. C; ARAÚJO J. L. **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Estatuto do idoso**. Brasília (DF): Senado Federal, 2003.
- BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES; CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER (BRAZIL); PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES (BRAZIL). **Plano nacional de políticas para as Mulheres**. Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2013.

- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília-DF, set./out.: 57 (5): p. 611- 614. 2004
- CARVALHO, A., BASTOS, L. **Um olhar sobre a educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: PEMJA, 2004.
- CAVALCANTE, M. J. G. **Prática de leitura na EJA: da vida para escola, da escola para vida**. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação, UFPE. 2017.
- COELHO, V. P. O trabalho da mulher, relações familiares e qualidade de vida. **Revista Social & Sociedade**, nº 71, ano XXIII, setembro de 2002.
- COLAVITTO, N. B.; ARRUDA, A. L. M. M. **Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 – 2014.
- COSTA, E.; ALVARES, S. C.; BARRETO, V. **Alunas e alunos da EJA: trabalhando com a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2005. 50 p. (Trabalhando com a educação de jovens e adultos).
- COUTINHO, C. N. **Cidadania, democracia e educação**. Ideias, n.24, FDE, 1994.
- D'AMBRÓSIO, U. **Educação Matemática: Da teoria à prática**. 23ª. ed. SP: Papyrus, 2012.
- DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DUARTE, N. **O ensino da Matemática na educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FEITOSA, D. A. Uma compreensão sobre os sentidos da escola no imaginário social das mulheres recicladoras. *In*: GUTSACK, Felipe; VIEGAS, Fernando Moacir; BARCELOS, Valdo. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: saberes e fazeres**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 48-67.
- FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos-Especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.
- FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos Especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, R.; DA SILVA, M. P. **EJA, diversidade e inclusão: reflexões impertinentes**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, A. A. M. **Aulas investigativas na educação de jovens e adultos (EJA): o movimento de mobilizar-se e apropriar-se de saber(es) matemático(s) e profissional(is)**. 189 p. 2007. Dissertação. (Mestrado em educação). Universidade São Francisco. Itatiba, 2007.

GOMES, A. A. M. **Aprender Matemática na Educação de Jovens e Adultos: a arte de sentir e dos sentidos**. 370 p. 2012. Tese (Doutorado em educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.

GONÇALVES, R. C. P. **Processos pedagógicos para permanência e êxito**. Florianópolis: IFSC, 2014.

GOUVEIA, D. S. M.; DA SILVA, A. M. T. B. Os idosos na Educação de Jovens e Adultos: uma história de exclusão e busca pela educação e cidadania. In: IV Colóquio Internacional de Educação, Cidadania e Exclusão, 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande, PB, 2015.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista brasileira de educação**, p. 108-130, 2000.

HONNETH, A. **Disrespect: The normative foundations of critical theory**. Cambridge: Polity Press, 2007. 275 p.

HONNETH, A. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 16, n. 1, 2011.

IBGE– Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. PNAD, Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios. **Síntese de Indicadores**. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_anual/2012/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf. Acesso em 06 de março de 2022.

IBGE. As mulheres no alvo das políticas públicas brasileiras. Comunicação Social. 22 de maio de 2006. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br>>, acesso em 10 de março de 2022.

JUSANI, N. C. O. S. **A importância da afetividade no processo de cognição – afetividade e cognição: caminhos que se cruzam**. São Paulo: jun. 2009. Disponível em: www.abpp.com.br/artigos. Acesso em 06 de março de 2022.

- KING, M. A guide to Heidegger's Being and Time. **Albany**: State University of New York, 20001.
- LLORET, C. Las otras edades o las edades del outro. *In*: LARROSA, J.; PÉRES de LARA, N. (compilladores). **Imágenes del otro**. Barcelona: Virus Editorial, 1997. p. 11-20.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOURO, G. Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, p. 443-481, 1997.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.
- MARQUES, D. T; PACHANE, G. G. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.2, p. 475-490, maio/ago. 2010.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MIRANDA, L. C. P; SOUZA, L. T. ; PEREIRA, I. Rodrigues Diamantino. A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade. **Seminário de Iniciação Científica**, v. 5, p. 1-3, 2016.
- MORAIS F., Daniel C. As mulheres na Matemática. *In*: HELLMEISTER, Ana Catarina P. [et al]; DRUCK, Suely (organização geral). **Explorando o ensino Matemática**: Artigos. v. I. Brasília: Secretária da Educação Básica, 2004. p. 186-191.
- OLIVEIRA, M. C. Educação de jovens e adultos no Brasil: aspectos específicos da formação do professor. **Relatório final de pesquisa**, 1998.
- PAULA, C. R.. **Educação de Jovens e Adultos: a educação ao longo da vida**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- PEREIRA, J. M. M. A escola do riso e do esquecimento: Idosos na educação de jovens e adultos. **Educ. foco**, v. 16, n. 2, p. 11-38, 2011.
- REZENDE, M. V. V. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil-Visão Histórica. *In*: CUNHA, Maria Antonieta Antunes et al. **Veredas-Formação Superior de professores**: Módulo, v. 7, p. 15-47, 2005.
- RITT, C. F. A conquista da educação pelas mulheres na história do Brasil, a violência doméstica praticada contra a mulher e a aplicação do art. 41 da Lei Maria da Penha, para a punição do agressor da violência de gênero. **Revista do Curso de Direito da FSG**, Caxias do Sul, v. 6, p. 41-53, 2012.
- SALTINI, C. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SANTOS, R. S. **Entre lembranças e silêncios – Memórias de mulheres alunas de EJA.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, 2009.

SANTOS, J. J. C et al. **Educando idosos (as) em aulas de matemática na EJA:** expectativas e desafios. In: II Congresso Internacional na Educação Inclusiva, 2016, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande, PB, 2016.

SINGH, K. S. **O direito à educação: países concordam em promover o acesso das mulheres à educação.** In: MCCALL, D.L (Org). Educação de mulheres e meninas. E jornal USA: Departamento de Estado dos EUA/ Bureau de Programas de Informações Internacionais, v.15, n.12, 2011.

SILVA, N. N. da. **Educação de jovens e adultos:** alguns desafios em torno do direito à educação. Paideia: revista do curso de Pedagogia da Universidade FUMEC. Belo Horizonte, n. 07. p. 61-72, 2009.

SILVA, M. C. F. **Análise da percepção de inclusão dos idosos no ensino de jovens e adultos (EJA).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUZA, M. C. R. F. **Gênero e Matemática(s): jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunas e alunos da Educação de Pessoas Jovens e Adultas.** 317 p. 2008. Tese. (Doutorado em educação) Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. Discurso e “verdade”: A produção das relações entre mulheres, homens e matemática. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 595- 613, maio-ago., 2009.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. da C. F. R. Territórios da casa, matemática e relações de gênero na EJA. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 256-279, 2013.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. Discurso e “verdade”: A produção das relações entre mulheres, homens e matemática. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17 (2): 344 p. 595-613, maio-ago./2009.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de Gênero, Educação Matemática e discurso:** enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE I – Questionário Sociocultural (Baseado em Bianco, 2013)**1. IDENTIFICAÇÃO**

- 1.1 Nome pode ser pseudônimo, se preferir.
- 1.2 Data do nascimento
- 1.3 Onde você nasceu? Informe Município e Estado
- 1.4 De onde reside atualmente, qual a distância até a escola?
- 1.5 Portadora de alguma necessidade especial? () Não () Sim, qual _____
- 1.6 Possui algum problema de saúde? Se sim, qual? _____
- 1.7 Enxerga bem? () Não () Sim
- 1.8 Ouve bem? () Não () Sim
- 1.9 Possui filhos ou filhas? () Não () Sim, informe quantos ou quantas _____
- 1.10 Como você define a sua cor? () preta () parda () indígena () amarela

2. COM QUEM RESIDE

- () Mora sozinha
- () Mora com a mãe e/ou pai
- () Mora com a/o esposa/o
- () Mora com os/as filhos/as
- () Mora com os/as parentes
- () Outra opção
- 2.1 Quantas pessoas moram com você? _____

3. SITUAÇÃO CONJUGAL

- () Casada
- () Solteira
- () Convivência
- () Separada judicialmente
- () Separada não judicialmente
- () Viúva

4. SITUAÇÃO DE TRABALHO

- () Trabalho Formal
- () Trabalho Informal

desempregada

4.1 Área do trabalho _____

4.2 Renda familiar

Nenhum rendimento

Até 1/2 salário mínimo

De 1/2 a 01 salário mínimo

De 01 a 02 salários mínimos

Acima de 02 salários mínimos

5. TIPO DE RESIDÊNCIA

Casa

Prédio com 02 pisos

Quarto

Barraco

Outro, se a resposta for outro indicar qual _____

5.1 Condição de moradia

Alugada

Cedida

Própria

Outro – Qual? _____

6. ESCOLARIZAÇÃO

Sabe ler

Sabe escrever

Com relação às disciplinas:

6.1 Qual é a disciplina que mais gosta de estudar? _____

Por quê? _____

6.2 Qual é a disciplina que menos gosta de estudar? _____

Por quê? _____

6.3 Quanto tempo ficou fora da escola? _____

6.4 Qual o motivo? _____

6.5 O que a motivou voltar à escola? _____

6.6 Mudou algo em sua vida depois que voltou a estudar? _____

Por quê? _____

APÊNDICE II- Roteiro de entrevista (Baseado em Bianco, 2013)

Nome (opcional): _____ Pseudônimo: _____ Idade: _____

Ano escolar: _____

Objetivo: Conhecer quem são; o que buscam; o que pensam e se conseguem perceber a relação da Matemática nos espaços de vivência.

Mulheres idosas da EJA, quem são?

- 1.1 Comente um pouco sobre você, o que acha de si mesma?
- 1.2 Algum momento sentiu vergonha por voltar a estudar?
- 1.3 Comente sobre um acontecimento que marcou a sua vida.
- 1.4 Você interrompeu os estudos alguma vez? Por quê?
- 1.5 O que a motivou a estudar novamente?
- 1.6 O que pretende com os estudos?

Mulheres idosas da EJA, de onde vêm?

- 1.7 Comente sua relação com a escola e os/as outros/as estudantes.
- 1.8 Como é sua relação com a Matemática?
- 1.9 Comente a respeito das suas facilidades e dificuldades em aprender Matemática.
- 1.10 Onde encontra apoio para estudar?
- 1.11 Onde aprende Matemática? Alguém te dá suporte?
- 1.12 Antes de estudar tinha contato com a Matemática? Se sim, onde e como?

Mulheres idosas da EJA, o que pensam da Matemática?

- 1.13 Como você vê o seu desempenho em Matemática?
() Muito satisfatório () Satisfatório () pouco satisfatório () nada satisfatório
- 1.14 Em seu ponto de vista, o fato de ser mulher interferiu/ interfere no aprendizado da Matemática? Explique.
- 1.15 E em relação a idade, acredita que interfere na sua aprendizagem?
- 1.16 A idade em algum momento, foi uma dificuldade para retomar/começar os estudos?

Mulheres idosas da EJA, o que fazem e o que buscam?

- 1.17 Você utiliza a Matemática em alguma ocasião? Se sim, quais?
- 1.18 Quais estratégias você utiliza para lidar com as dificuldades/facilidades?
- 1.19 A Matemática tem lhe ajudado em alguma situação? Se sim, indicar qual.
- 1.20 Em quais situações a Matemática tem sido obstáculo?
- 1.21 A Matemática pode lhe ajudar a alcançar algum objetivo pessoal? Se sim, qual?
- 1.22 O que falta ou poderia ser feito para que o seu desempenho na disciplina Matemática melhorasse?
- 1.23 Tem algo que mudar nas aulas de Matemática? Comente.